UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA

KATHY FABIANA SCHARF MAIOCHI

Linhares e suas afetações: uma cartografia de encontros

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da

Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,

com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Maiochi, Kathy Fabiana Scharf
Linhares e suas afetações : uma cartografia de encontros / Kathy Fabiana Scharf Maiochi. -- 2019.
92 p.

Orientadora: Ana Maria Hoepers Preve
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

1. Oficinas. 2. Educação. 3. Cartografias em processos educativos. 4. Vulnerabilidaes. I. Preve, Ana Maria Hoepers . II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

KATHY FABIANA SCHARF MAIOCHI

Linhares e suas afetações: uma cartografia de encontros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Florianópolis
2019

KATHY FABIANA SCHARF MAIOCHI

LINHARES E SUAS AFETAÇÕES: UMA CARTOGRAFIA DE ENCONTROS

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Educação, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação

Banca Examinadora

Orientadora

_____

Professora Dra. Ana Maria H. Preve
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membros

_____

Professor Guilherme Carlos Corrêa
UFSM Universidade Federal de Santa Maria

_____

Professor Leandro Belinasso Guimarães
UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

_____

Professora Ademilde Sartori
UDESC Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 18 de junho de 2019.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Pedro Gabriel, que seguiu se transformando comigo durante esse processo e suportando todas as dificuldades que um processo de pesquisa faz surgir. A minha mãe Erica que sempre acreditou em mim, minha irmã Kelly que me inspira. Meu irmão Edson e minha cunhada Michelle por me ajudarem em tudo que precisei. As minhas amigas Tali Ventura e Kátia Andréa Costa que ouviram por tantas vezes minhas inquietações sobre a pesquisa sobre a educação e sobre a vida que se movia na mesma intensidade da pesquisa. As minhas sobrinhas Angela e Karine que por vezes me fizeram sorrir e me deram fôlego para seguir.

Minhas companheiras de trabalho e amigas que me ajudaram e deram forças para que Linhares seguisse em frente. Cida, Kathia, Valiane, Ligia, Ana Paula sou grata!

A minha orientadora, Ana Preve, que caminhou comigo, me ajudou a ver o que eu não via e seguiu comigo me compreendendo mesmo quando Linhares parecia que não daria certo.

A Ana Godoy, que me tirou das caixas, me ajudou nas pontes e fez que outra escrita aparecesse e que eu confiasse mais em quem sou.

Ao Guilherme, que se faz presente atravessando esse trabalho me fazendo refletir e me dando forças para prosseguir.

Ao Leandro e a Giovana, que me trouxeram outras possibilidades de ver o que estava sendo construído.

A Ademilde, que aceitou estar comigo nessa jornada e que veio em vários momentos me dando força e sempre me compreendendo.

A minha amiga Juliana Favere, que me fez refletir em vários momentos sobre a vida, a pesquisa e o viver, e fez com que as idas a Florianópolis para os encontros fossem momentos únicos de amizade e aprendizado de vida.

Ao meu namorado, Grebbo Alex, que chega com calma, com amor e me faz sentir uma imensidão de coisas que eu não sabia mais que era possível, e assim criamos nossa Linhares. A Nathy, por dançar comigo quando a escrita travava e o cansaço batia. A tia Bel, por me ouvir e se emocionar com Linhares. A Laura, pelas trocas e incentivos e por me fazer ver as possibilidades que ainda tinha pela frente. A você que agora lê estes escritos e passa a conhecer a mim e a Linhares.

RESUMO

MAIOCHI, Kathy Fabiana Scharf. **Linhares e suas afetações:** uma cartografia de encontros. 92p. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação – Linha de Investigação: Educação, Comunicação e Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

Esta pesquisa de mestrado apresenta movimentos cartográficos com jovens considerados em situação de vulnerabilidade social, em uma instituição de ensino profissionalizante de Santa Catarina. Jovens que tinham como proposta serem preparados para o mundo do trabalho. A pesquisa organizou-se seguindo os movimentos dos jovens, que experimentaram processos educacionais na forma de oficinas como proposta por Guilherme Corrêa em *Educação, comunicação e anarquia: procedências da sociedade de controle*. A noção de oficina, importante para o trabalho, é usada como mobilizadora para a constituição nos grupos de um novo território em educação. A questão central do trabalho é percorrer a noção de vulnerabilidade como potência criadora e constituidora de mundos. Com o movimento dessas oficinas, algumas ideias sobre o fazer docente vão se desmanchando no pesquisador e outro modo de fazer na sala de aula surge no encontro com jovens em um programa de formação. Juntos, nesse encontro que é a oficina, constituem novos fazeres de forma mais autônoma, apresentando à pesquisadora-professora um olhar diferente do inicial a respeito do fazer docente e da noção de vulnerabilidade social. Por fim, pode-se dizer com esta pesquisa que seus resultados possibilitaram tanto ao pesquisador-professor quanto aos jovens e à questão de estudo se modificarem por meio da experiência com as oficinas: do que era fracasso ao que pode ser potência criadora.

Palavras-chave: Oficinas. Educação. Cartografias em processos educativos. Vulnerabilidades.

ABSTRACT

MAIOCHI, Kathy Fabiana Scharf. **Lineries and their affections:** a cartography of encounters. 92p. 2019. Thesis (Master in Education - Line of Research: Education, Communication and Technology) – Post-graduate Program in Education, Santa Catarina State University (UDESC), Florianópolis, 2019.

This research is carried out for a master's degree and presents cartographic movements in a professional school from the state of Santa Catarina/Brazil with young people considered as in social vulnerability situation. Young people who had as their proposal to be prepared for the world of work. The research was organized by following the movements of the young people, who experienced educational processes in the form of workshops as Guilherme Corrêa in *Educação, comunicação e anarquia: procedências da sociedade de controle* [Education, communication and anarchy: provenances from the society of control] proposes it. The notion of "workshop", important for this research work, is used as a mobilizer to the formation a new territory in education inside the groups. The central question of this work is to range the notion of vulnerability as a worlds' creative and constituent power. With the movement of these workshops, some ideas about the teaching doing fall apart to the researcher and another way of doing in the classroom arise in the encounter with young people in a training program. Together in the encounter that workshop is they compose new and more autonomous ways of doing, presenting to the researcher-teacher a different look over the teaching doing and the notion of social vulnerability from her initial one. Finally, it can be said with this research that its results enable researcher-teacher, young people and the question of the study to change through the experience with the workshops: from what was a failure to what can be a creative power.

Keywords: Workshops. Education. Cartographies in educational processes. Vulnerabilities.

SUMÁRIO

1 COMEÇANDO **15**

Introdução: de começos e de fins **16**

Um pouco de silêncio **17**

Tecidos, retalhos, pedaços de algo que formam outro 18

O caminhar 21

De quem falamos **22**

A reunião 27

2 AS OFICINAS **31**

As pedras que carregamos **32**

Transformando coisas em outras coisas **36**

O que surge nas oficinas **39**

Um motivo para ir ou para ficar **41**

Seguindo o fluxo 43

Fugas 45

Extraordinário somos todos nós! 47

Nem exposição, nem apresentação, é muita expressão! 49

Sobre pesquisar **52**

Muita produção 53

Linhares vem de linhas 56

Não vamos opinar, vamos pensar 58

Descobertas 60

Oficina 61

Nossas pipas **66**

O que é Linhares? 68

Um outro começo 69

3 COMPOSIÇÃO **71**

Linhares em qualquer lugar **72**

4 FINS SÃO COMEÇOS E COMEÇOS SÃO SEMPRE UM FIM NELES MESMOS **85**

Linhares em outros lugares **86**

Hora de dar linha na pipa **87**

Primeiro era depois **88**

Recomeçar **90**

Um pouco de talvez **91**

Permitir experimentar **93**

Do outro lado do espelho **94**

REFERÊNCIAS **99**

1 COMEÇANDO

Introdução: de começos e de fins

Ao percorrer esta dissertação, o leitor se dará conta de que “os fins” são sempre o começo de outras conversas, outros encontros, e que no fim eu ainda estou começando, e, como em todo começo, há muita paixão e poucas definições. Mas também, que todo começo nos torna mais vivos. E isso é uma coisa que posso afirmar, ao final: como pesquisadora em educação estou muito viva. E viva sigo nesse vai e vem de começos e fins e vejo um se misturando com o outro. Vladimir Safatle chega nesta pesquisa ao final do tempo cronológico da dissertação, mas ativa algo que estava comigo desde o começo, um desamparo, uma certa vulnerabilidade que me acompanhava e que seguiu comigo na pesquisa; ele foi o meu encontro, foi quem me trouxe algo que me permitiu nomear o que estava em jogo nas oficinas e no que escrevi.

Linhares, que continuando a leitura você vai passar a conhecer, foi feita na precariedade, com os vulneráveis. Vulneráveis que, em vários momentos, eu chamo de crianças, em outros, alunos, em alguns, adolescentes ou jovens. Ao reler o texto, fiquei pensando o motivo de aparecer tantos nomes para falar de um mesmo grupo e, por ser um trabalho de pesquisa, penso que deveria usar um só, mas não, não posso. Eles são chamados de crianças quando ainda não os conhecia, e os denominava assim pela faixa etária; e logo que começaram os encontros, vejo diante de mim um grupo de adolescentes que, para este trabalho, são aqueles que estão vivendo a transição da infância para a fase adulta, em outras situações, se colocaram como alunos, esperando que eu dissesse algo, que os comandasse, estabelecendo o que deveria ser feito. E sigo escrevendo e em alguns relatos ainda os denomino de jovens, termo para o qual vários autores trazem seus muitos significados, mas, para mim, tem mais a ver com vida, com uma maturidade que se conquista na transição, na adolescência. Os autores que falam sobre o tema que me perdoem, mas gosto de chamá-los de jovens, porque sinto ser uma adolescência que se resolve bem nela mesma. Poderia quem sabe dizer que, para mim, um jovem é um adolescente que sabe o que quer para si. E transitando entre jovens, alunos, crianças, fizemos essa Linhares, como disse acima, na precariedade: com o que tínhamos ao nosso alcance, com o tempo que nos foi dado. E assim as coisas foram acontecendo e Linhares foi se construindo, e conforme ela se fazia, me percebia mais

disponível para certas coisas e outras não, percebia também as precariedades que são da vida, para poder viver a vida, ser mais livre, ser mais desengonçada. A dissertação nasceu nesse lugar.

Um pouco de silêncio

Para começar, é preciso que algumas coisas sejam ditas para melhor compreensão desta caminhada e do modo como ela é aqui apresentada.

As imagens presentes no volume não possuem legendas, elas seguem sozinhas em um segundo bloco. Estamos aqui apostando em deixar que o leitor veja nelas o que conseguir, as aprecie como parte de um trabalho e não como uma explicação de algo. São composições de momentos, recortes que talvez não pretendam mais que se mostrar em uma experimentação com imagens.

Tentar se afastar das legendas, dos slogans que os temas aqui carregam, das palavras que grudam para reafirmarem um sentido é um exercício que meu trabalho propõe. Facilmente recorremos a elas e fazemos com que o texto e as imagens funcionem da forma mais apropriada. Desafio e me sinto desafiada a criar uma escrita em blocos, em pequenos pedaços, que se compõem e formam algo mais concreto, como em uma colcha de retalhos onde pequenos pedaços de tecidos soltos, juntos se tornam alguma outra coisa. Esses pequenos blocos, esses pequenos textos formam esse trabalho, partes dessa colcha.

O trabalho está organizado por uma ideia de atlas, composto pelo conjunto de trabalhos gráficos (que são os mapas). Não mapas de lugares físicos, mas daqueles que habitamos enquanto o trabalho dura em nós. Esse Atlas foi concebido com as ideias de Didi-Huberman da exposição homônima que aconteceu no Museu Reina Sofía, em Madrid, em março de 2011. O autor diz: “Fazer um atlas é reconfigurar o espaço, redistribuí-lo, desorientá-lo enfim: deslocá-lo aí onde pensávamos que era contínuo, reuni-lo ali onde supúnhamos que havia fronteiras”[1].

---

[1] Disponível em: <http://www.artecapital.net/perspetiva-119-atlas-como-levar-o-mundo-%C3%A0s-costas--apresentacao-por-georges-didi-huberman>.

Em um mapa tradicional os universais de comunicação se apresentam na legenda, nas cores, na orientação, no norte geográfico, na escala, dentre outras referências a depender do tema que o mapa evidencia. Os mapas aqui, ao contrário, são exercícios de desfazimento dessa linguagem universal que comunica com bastante clareza a qualquer um e em qualquer língua o que os mapas querem dizer. Tais mapas portadores desses universais estão carregados de um excesso de barulho comunicacional e de informação. Le Clézio (2008, p. 35) afirma, no livro *Índio Branco*, um modo índio de habitar o mundo, assim ele expressa:

> O seu mundo não é diferente do nosso, o que acontece é que eles o habitam, ao passo que nós estamos ainda no exílio. Que nos ensinem eles, e depressa. O que são as cidades, o que são as outras linguagens, do contrário vamos talvez morrer de asfixia.

O trabalho aqui foge, desse lugar comunicacional e informativo, tentando uma outra maneira de produzir um encontro e de apresentar os resultados de um encontro. Um encontro para uma aula que é mais que uma disposição de cadeiras e carteiras, tem algo mais que dá voz, um ouvir em uma atmosfera de respeito e cumplicidade. Produzir um silêncio para ouvir o que tem passado despercebido. O silêncio necessário para que possamos dizer e ouvir algo que ainda não foi dito e por isso não ouvido.

Tecidos, retalhos, pedaços de algo que formam outro

Começar é o sintoma mais forte do desejo
De novidade, já que todo começo contém a energia do novo, a
Que poucos resistem.

(Noemi Jaffe, *Livro dos começos)*

Em nossa vida passamos o tempo todo sendo feitos e desfeitos, sendo afetados por algo ou por alguém, e da mesma forma afetamos o que passa e perpassa por nós. Assim seguimos e nos compomos; nos fazemos de tudo isso, de toda essa malha, esses recortes; nos fazemos e nos refazemos em um eterno remendar-se, como em uma colcha

de retalhos que vai crescendo pelas bordas, sem uma direção específica, sem uma organização definida; ela apenas vai se fazendo pelas mãos do artesão, pelas mãos de quem a constrói. Como nos diz em Deleuze e Guattari (1997), não temos de maneira nenhuma um espaço constituído, organizado, não existe um modelo de base. A vida, como uma colcha, vai se fazendo na junção dos pedaços, com o que vemos, sentimos, fazemos, e como numa colcha, entra-se por qualquer lado e de maneiras variadas. Ora um pedaço nos chama mais atenção, ora outro, e conforme nossa atenção vai daqui para lá, elegemos nossos começos, tantos quantas forem as dimensões da vida sobre as quais nos debruçamos.

**

Comecei minha caminhada no mundo do trabalho como analista de crédito em uma financeira – Banco Votorantim Finanças, onde trabalhei por mais de seis anos. Nesta financeira, fui convidada a cuidar do treinamento dos funcionários que ingressavam na empresa. Assim, comecei preparando materiais, vídeos, slides e logo achei que deveria buscar uma licenciatura para poder realizar melhor o papel que eu estava desempenhando, o de formadora. Ingressei na pedagogia no ano de 2008, um ano após me formar em administração. Logo nos primeiros semestres, veio uma vontade de estar em sala de aula, uma paixão pela educação, e resolvi sair da Financeira para trabalhar em uma pequena escola de Educação Infantil. Lecionei em algumas escolas até que fui contratada pelo Colégio Castelo, uma escola privada de Blumenau, para trabalhar com uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental I. Me sentia professora; feliz e realizada buscava sempre novas ideias para levar para sala de aula.

Sempre me encantei com os retalhos de tecido, com suas possibilidades de criação, e desejava trabalhar com eles em sala de aula, mas não sabia bem como, até que conheci o livro *A viagem de retalhos* escrito por Sonia Robatto. O livro conta a história de duas senhoras que fazem uma colcha de retalhos e cada pedaço de tecido é uma lembrança de um momento vivido por elas e assim elas passam uma tarde, viajando nos retalhos e nas lembranças. Com esta ideia, criei a primeira proposta de uma colcha de retalhos, que deveria ser composta por tecidos que tinham algum significado para quem os trouxesse. Os anos passaram, sai do Colégio Castelo e passei a lecionar no Serviço

Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), uma instituição de ensino superior que também oferta cursos livres. Mudei de instituição, mas os tecidos permaneceram comigo, eles são daqueles materiais que permanecem e que seguem se transformando comigo.

Ao ingressar no mestrado, foi com os tecidos que comecei a pensar a pesquisa, foi com eles que escrevi meu projeto, com pedaços de retalhos com os quais gostaria de, em uma oficina, compor com os alunos algo que falasse de suas vidas, de seus sentimentos, e segui dando os primeiros passos como aluna de mestrado em educação na Udesc e pensando em uma pesquisa onde os sentimentos e os tecidos pudessem estar. Mas como estamos sempre sendo afetados por tudo que nos passa, frequentar as aulas da professora Ana Maria H. Preve foi me fazendo pensar se era esse realmente o caminho que eu gostaria de seguir. As leituras de Deleuze e Guatarri, Sueli Rolnik, Ana Godoy, Guilherme Correa, Ana Maria Hoepers Preve me ajudaram a buscar novos direcionamentos para o trabalho que desejava começar.

Ainda sigo com alguns autores que fizeram parte da minha formação em administração, como Peter Drucker, base das unidades curriculares do Senac, Idalberto Chiavenato e Roman Jakobson, dos quais utilizo alguns conceitos. Algumas oficinas foram feitas para pensar o que eu desejava com este material e fui percebendo que tinha apenas uma ferramenta, faltava propor um problema que mostrasse o que queria buscar nesse campo de pesquisa, algo estava se desfazendo em mim, começava a ver que os tecidos poderiam me ajudar como ferramenta, mas precisava ir além deles; eles não bastavam para seguir com uma pesquisa, pois ela requer uma questão e isso eu não tinha. Leituras, pensamentos, trocas, pesquisa, tudo vai se transformando e assim a oficina foi se moldando se modificando e cada vez abrindo e dentro dela me abrindo para a proposta de oficina que nos coloca Corrêa (2006) onde levamos uma questão, um gatilho que irá direcionar o que iremos fazer; uma oficina onde o interesse dos envolvidos passa a ser comum. Foram várias tentativas, experimentações, em que fui levando a bagagem que construía nessa caminhada do mestrado.

Comecei a olhar para as oficinas para entender o que buscava com aqueles movimentos que fazíamos, em que via surgir desejos e interesses em comum. A oficina ali proposta era diferente, como nos coloca Corrêa (2006), as oficinas são construídas na relação com aquilo que vem de um encontro para se conhecer algo. Agora, os tecidos já

não eram atores principais e os sentimentos não eram o foco do trabalho. Comecei a pensar e a olhar para as possibilidades do encontro que se fazia nesse ambiente de oficinas. Oficinas que são possibilidades de desenvolver um trabalho que não coincide com as exigências da escolarização, mas que vem com a certeza de que ensinar é produzir mudanças (Corrêa, 2006). E para que seja possível produzir essas mudanças com esta proposta de oficina, é importante que a invenção do aluno seja livre e não passe pelo controle.

Assim os meus fazeres docentes vão se transformando, as aulas que foram virando oficinas já têm um outro jeito, uma outra maneira de acontecerem. E percebo que não tenho mais apenas uma ferramenta, mas uma questão, uma pesquisa que tem como proposta evidenciar outras possibilidades de um encontro entre professores e alunos em um ambiente escolarizado, onde os tecidos podem ser o meio de relação com o outro e as ideias também.

O caminhar

Faço meu caminhar cartografando as oficinas e os momentos que estamos juntos nas oficinas, nossos movimentos e expressões. A cartografia neste trabalho é entendida como uma forma de acompanhar processos. Para Kastrup e Barros (2009, p. 76), “A cartografia é um procedimento *ah hoc*, a ser construído caso a caso [...]”. Assim, dizemos que a cartografia não é algo que se aplica, mas que se pratica. Sigo praticando a cartografia, lendo, conhecendo, ouvindo e percebendo no que as oficinas vão se transformando, que é esse algo que se pratica.

Tenho um olhar atento e carinhoso ao espaço que construímos e, à medida que as oficinas vão acontecendo, vou me aproximando mais e mais do objeto de pesquisa, do problema a perseguir durante esse trajeto, e sigo lendo, pensando, observando para saber realmente como a oficina coloca ou não essa questão do encontro, da potência do encontro em um espaço escolarizado. Dentro das oficinas, uma pergunta não necessariamente teria uma resposta, ou se houvesse talvez ela não fosse compreendida de imediato por todos, mas isso não atrapalhava nossos encontros, pelo contrário, parece que os tornavam mais potentes. Começava um movimento de não querer mais trabalhar

com o outro na perspectiva comunicacional proposta pelo linguista Jakobson (2010) que nos coloca que todos os fatores que constituem qualquer ato de comunicação são o contexto, mensagem, emissor, receptor, canal e por último o código, e assim temos todos os papeis sobre o ato de comunicar bem definidos: ao receber uma mensagem esta deve ser decodificada, compreendida e sempre que possível respondida utilizando o mesmo código. No entanto, penso agora que sou tocada e me movimento pelas leituras e trocas que o mestrado me possibilitou, por isso sigo com uma ideia de encontro, desse encontro que criamos ativado por todo esse processo do fazer nas oficinas. A leitura de Le Clézio na obra *Índio Branco*, quando ele se refere ao silêncio índio, tem funcionado como mais uma pista para este trabalho. Todo o processo de escolarização em nossas vidas ativa um tagarelar infinito sobre tudo. Há em Le Clézio uma possibilidade de pensar sobre o silêncio necessário para que se possa escutar algo outro, algo novo e assim fazer junto também algo novo, algo que é criado nos encontros proporcionados pelas oficinas. Para Le Clézio é na ausência de uma escrita marcada pelos slogans que se abre a possibilidade de outras escritas. Assim, na ausência da fala, da voz de comando do professor pode-se chegar junto a outras formas de expressar. O barulho da "falação", em alguns momentos, sufoca alguma coisa que necessita de silêncio para vir à tona. Quem sabe as oficinas, no modo como fazemos, possa ser esse abrir caminho para outras formas de encontro, em que outras questões apareçam. Seguimos na vizinhança dessas ideias.

De quem falamos

Por muitos anos trabalhei na área administrativa como secretária, e todos os dias era preciso fazer uma porção de relatórios. Relatórios para os bancos, para os sócios. Mais tarde, como secretária de uma escola, começaram os relatórios que mostravam apenas as cifras da educação: o custo dos alunos, as porcentagens das melhores e das piores notas. Todos ali viravam números, e isso foi me incomodando. Relatar me entristece, porque vou parar nesse lugar, nessa sala, nessa mesa, nessa atmosfera da secretária e seus números, um lugar ruim. Não gosto de fazer relatos descritivos, pois parece que estou prestando contas mais uma vez, e achatando "embaixo das contas" o

sentir, porque aqui nada circula e o ar pesa. Os demais textos, ao contrário, são preenchidos de afetos que circulam e ficam das oficinas, da pesquisa; são bons lugares. Mas esse Senac que se desenha no relato não é um bom lugar, não é o mesmo espaço onde faço minhas oficinas, em que consigo afetar e ser afetada com encontros. Na realidade, sou afetada sim por esse tipo de relato: escrever nesse lugar me afeta de tristeza. Me pergunto se seria possível fazer isso de outra maneira. Talvez sim, por hora não. Como aquele personagem que "preferiria não"[2], mas farei não querendo e como quem está prestando contas. Faço desse modo triste, e enquanto faço tento compreender a necessidade disso para melhor entendimento da pesquisa. Não entendo e vou fazendo preferindo não fazer, e escrevo através de números o que não é oficina, o que não fala do que criamos juntos no grupo, mas do rosto desenhado por números e categorias onde não cabemos. Fazer não fazendo talvez seja uma maneira de "safar-se de cabeça em riste".

O Grupo se forma para participar de um curso livre de formação para o mundo do trabalho, curso oferecido pelo Senac através do Financiamento da Infância e da Adolescência (FIA) em parceria com a prefeitura municipal da cidade de Gaspar e terá apenas uma turma, que se iniciará com 25 jovens, e com esta turma farei a pesquisa. O objetivo do curso é preparar jovens em situação social vulnerável para o mundo do trabalho, como forma de reduzir o desemprego entre os socialmente vulneráveis.

O curso é composto de sete unidades curriculares a serem trabalhadas durante o período de seis meses. Essas unidades, como são chamadas as disciplinas ou matérias no Senac, são: saúde e qualidade de vida, marketing pessoal, comunicação, recepção e atendimento ao cliente, informática, estação de vivência e núcleo central.

Como minha formação é em pedagogia, a coordenação achou que fosse mais interessante que eu seguisse com eles, lecionando essas duas últimas unidades, a estação de vivência e o núcleo central, sendo que a estação de vivência é apenas o acompanhamento dos alunos na realização de um estágio não remunerado pelo período total de 30 horas, e o núcleo central é a unidade que perdurou durante todo o curso, com encontros semanais e que compreendia a seguinte ementa: criar estratégias para a

---

[2] *Bartebly, o escriturário* é um livro de Herman Melville que fala de um escriturário que se recusava a cumprir ordens ou fazer qualquer coisa que fosse solicitada pelo seu chefe. A cada convocação ele respondia: "Preferiria não".

solução de um problema relacionado prática profissional, desenvolver atividades em grupo, trabalhar as marcas formativas do Senac (atitude sustentável, colaborativa e empreendedora).

Com essa ementa em mãos, e muitas ideias na cabeça, comecei a pensar em um jeito de trabalhar tudo que era pedido na unidade curricular de um outro jeito, que eu ainda não sabia qual, mas que fosse diferente da aula pronta, entregue e, porque não dizer, imposta. Eu queria algo que eles quisessem fazer, desejava que eles tivessem vontade de estar ali, naqueles momentos do encontro.

Mas esses eram os primeiros passos ainda, precisava saber mais sobre o grupo com o qual iria trabalhar. O lugar é árido e burocrático e é um esforço produzir coisas ali. A primeira informação que recebi é que as aulas seriam com um grupo de jovens entre 13 e 17 anos. O que os diferencia dos demais jovens com quem já trabalhei é que estes são ditos em situação social vulnerável. Se procurarmos estas palavras separadamente no dicionário *Aurélio*, teremos a seguinte definição: Situação = circunstância. Vulnerabilidade = vulnerável, fraco. Social = que diz respeito à sociedade, tendência a uma sociedade comercial. Então, podemos entender que alguém em situação social vulnerável seria alguém fraco na sociedade comercial, ou seja, alguém que de alguma forma precisa de ajuda para ser forte nessa sociedade. Não sei bem o que podem ou não de diferente dos jovens com os quais já trabalhei, mas sigo com essas definições em mente e, antes de iniciar os trabalhos, busco saber um pouco mais sobre estes jovens ditos em situação social vulnerável.

Eles são da cidade de Gaspar/SC e estão inscritos no Serviço de Referência e Assistência Social (CRAS) desta cidade. O CRAS tem como principal função:

> [...] prevenir que ocorram situações consideradas vulneráveis e de risco social aqui na cidade de Gaspar – SC. Seu principal trabalho é o PAIF (Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família), dando auxílio e orientações as famílias para prevenir situações de vulnerabilidade ou violência. Através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, eles buscam reunir pessoas que estão na mesma faixa etária (crianças, adolescentes ou idosos) para desenvolver determinadas ações em grupos. [3]

De forma resumida, e ainda de acordo com o site acima, as principais funções do CRAS são:

---

[3] Disponível em: <https://cras.site/cras-em-gaspar-sc-casa-da-familia/>. Acesso em: 2 jul. 18.

- Fazer a oferta do serviço PAIF e outros programas e/ou projetos socioassitenciais;
- Fazer a articulação e fortalecimento da rede de Proteção Social Básica local;
- Fazer a prevenção de risco em toda a cidade;
- Garantir direitos através de encaminhamentos e orientações durante os atendimentos.[4]

Uma informação bem valiosa encontrada no site também foi sobre o próposito no CRAS:

> É através dele que famílias consideradas em situação de extrema pobreza (que estão incluídas pelo Plano Brasil Sem Miséria), tem acesso a serviços para cadastrar e acompanhar os programas de transferência de renda. Atualmente, o Brasil possui quase 8.000 unidades espalhadas por todo território nacional.

Assim, com este cadastro, os assistentes sociais do CRAS buscam atender as famílias para que elas possam *estar protegidas* e *ser fortalecidas* socialmente quando consideradas vulneráveis. E, para isso, além da renda transferida, buscam atividades, cursos, para que as pessoas cadastradas possam ser inseridas no mercado de trabalho.

A instituição onde leciono é de ensino técnico e cursos livres, e pode capacitar de forma rápida para o mercado de trabalho, sendo muitas vezes procurada pelos CRAS de algumas cidades para atender as pessoas ali cadastradas. E assim se deu meu encontro com essa turma de jovens devidamente cadastrados no CRAS e inscritos em um curso que tem o nome de “Preparação para o mundo do trabalho”.

São alguns dias de contato e ainda não consigo perceber em que esta vulnerabilidade pode diferenciá-los dos demais jovens da mesma idade. Eles participam das oficinas, produzem, tem ideias, trocam muitas informações, conhecimentos e buscam, a cada encontro, o novo. Não tenho certeza ainda, mas parece que esse conceito de vulnerabilidade não condiz com o grupo em que estou. Para tanto, busco mais leituras, novos conceitos, quero saber mais sobre vulnerabilidade e entender melhor esse grupo que segue comigo nestes encontros.

A palavra vulnerabilidade aparece em textos diferentes e indicando coisas diferentes das que tinha lido até então. Mendonça (2016, p. 64) diz que

---

[4] Disponível em: <https://cras.site/cras-em-gaspar-sc-casa-da-familia/>. Acesso em: 2 jul. 18.

> [...] toda forma fixada borra-se no seu contorno ou desloca-se de seu eixo precedente; com isso, evidencia-se uma permeabilidade – que podemos nomear, também, de vulnerabilidade. Acredito que esta permeabilidade é operação essencial à criação e, por isso, à manutenção da vida da Terra tanto quanto da vida humana.

Para Mendonça é preciso ter uma certa vulnerabilidade para que as coisas aconteçam, estar aberto, poroso, deixar de alguma forma algo entrar para poder transformar. Vulnerabilidade não seria uma falta e sim uma presença. Entendo melhor isso com a leitura de um texto de Slegers (2011) que fala sobre uma tal *vulnerabilidade corajosa* que, para a autora, seria uma disposição para conhecer algo, ter coragem, estar aberto para perceber as coisas. Portanto, em vários momentos, há uma possibilidade em nós de estarmos/sermos vulneravelmente corajosos para sentir e perceber o que chega e nos afeta e quem sabe nos transforma de algum modo. Estar abertos. Ser vulnerável é preciso.

Compreendo então que os jovens são, sim, vulneráveis, e eu também. Estamos ali, eu e eles, recebendo e nos movimentando com as coisas que vão acontecendo. Seguimos abertos para os acontecimentos e, vulneravelmente corajosos, deixamos que algo aconteça e quem sabe de alguma forma nos modifique. A vulnerabilidade aqui é importante para que possamos seguir com nossa proposta de aula–oficina, para que algo novo se faça. Mendonça (2016, p. 65) nos fala ainda que "é preciso aprender a estar vulnerável". E diz ainda, nesta mesma página, que "Os efeitos da vulnerabilidade estão justamente em nosso encontro com a exterioridade, em nosso contato com o mundo que nos afeta, operando dentro e fora de indivíduos e comunidades."

A vulnerabilidade, aqui, parece agora se desgrudar do conceito que trazia comigo. Os slogans que trazia comigo, de uma política que nos coloca quem são os vulneráveis, onde estão e o que lhes falta e todas as suas impossibilidades, suas fraquezas. Algo parece querer se desmanchar e formar outro, um novo que olha para a vulnerabilidade como algo necessário para que haja mudanças, para perceber os efeitos daquilo que vem de fora e me afeta e também que vem de dentro. Talvez seja a vulnerabilidade uma percepção atenta de nós e do mundo, e assim seguimos vulneráveis.

A reunião

Há alguns meses nós, equipe técnica do Senac, começamos a planejar o curso que seria oferecido a jovens em situação social vulnerável. A ideia inicial era de prepará-los para o mercado de trabalho deixando-os prontos para o primeiro emprego. Tudo planejado conforme as necessidades da instituição de ensino e as metas a serem atingidas ao findar do curso, é chegado o momento de conhecer os jovens e dar início.

Juntamente com as coordenadoras da instituição, prefeito da cidade de Gaspar e alguns vereadores presentes neste dia, também faço parte da abertura do curso. Um misto de sensações me invade enquanto vão chegando os jovens acompanhados de seus pais ou responsáveis. A sala enche, todos nos olham e parecem curiosos.

A coordenadora faz a abertura, começa falando que todos estão ali para iniciar um curso que tem como objetivo preparar os jovens para o mundo do trabalho. Fico observando enquanto ela fala e percebo que alguns usam bonés, outros estão de casaco, uns se inquietam na cadeira, outros quase dormem. Pareço me transportar para o livro de Max Lucado, *Você é especial*. Nesse livro[5], Lucado nos traz uma história dos Xulingos. Os Xulingos são bonecos feitos pelo mesmo carpinteiro, mas, mesmo tendo sido feitos pelo mesmo carpinteiro, eles são diferentes entre si, uns usam chapéus, outros são altos, outros baixos. Mas o que me leva a pensar nessa história não é somente isso, é o fato de os Xulingos, ao serem criados, receberem um pote com estrelas e um com bolas cinza. Se você é um bom Xulingo, canta, é bonito e recebe estrelas, mas se você tem a tinta feia, não sabe fazer nada, ganha bolas cinza.

Olho para os que estão diante de mim e consigo ver as bolas cinza colocadas pela sociedade, pela família, mas sou surpreendida e tirada dessa reflexão por uma mãe dando um cutucão no filho e dizendo para ele prestar atenção para ver "se vira alguém na vida". Pronto: acabou de ser colocada mais uma bola cinza. Vejo não só bolas cinza, eles têm estrelas também, pais orgulhosos de mãos dadas com seus filhos e lançando olhares e sorrisos para todos os lados.

Chega minha hora de falar. Apresento-me, informando as regras da sala de aula que são colocadas pela instituição: os alunos não poderão usar o celular durante as

[5] Livro: Você é especial. Autor: Max Lucado, editora: Hagnos, 2004.

aulas; o horário de chegada será as 13h30, e cada trinta minutos de atraso conta uma falta, e, por fim, é proibido o uso de bonés. Os pais aceitam bem, os jovens nem tanto. Digo como vamos trabalhar e que teremos como propostas oficinas, e que delas surgirão nossas atividades, abriremos uma empresa fictícia e teremos como foco as competências a serem desenvolvidas. Queria falar mais, mas não conseguia; quando me deparei com os pais e alunos me olhando ansiosos pelo que viria, esqueço o que pretendia dizer, sou breve e me sento. Sinto que nutria uma certa expectativa por nossos encontros e queria saber se eles estavam se sentindo assim e, mais do que isso, me sentia responsável pelo que viria dali em diante. Acabou.

Nesse momento de apresentações, muitos pais vêm me cumprimentar e dizer coisas como: “isso professora, coloca juízo na cabeça dela”; “agora sim ele vai ser alguém, já estava desacreditada, esse menino só incomoda.” Não consigo responder nada. Me calo, dou um sorriso e me afasto. No afastamento, penso sobre o que pedem esses pais e o que podem estes jovens, dada a condição em que chegam à instituição. O que fizeram para que essas ‘bolas cinza’ fossem colocadas sobre eles? Observei os pais e responsáveis saírem e sinto agora um mal-estar. Queria sair dali, não queria ouvir aquelas coisas todas e esse foi nosso começo, aquele que nos foi permitido; esse começo começa carregado do que já está em curso na instituição. Não se começa pelo começo, é tudo pelo meio.

Agora depois do começo já estou me sentindo bem mais a vontade. Talvez já esteja no meio ou começo do meio porque bem no meio seria a metade.

(O meio – Luiz Tabit)

2 AS OFICINAS

As pedras que carregamos

> *Geralmente as pedras nos são dadas quando nascemos. As pedras são como culpas, medos e tristezas que carregamos. Ficar com elas, ou não, é uma escolha individual. É uma escolha nossa. É uma decisão que cada um deve tomar*.
>
> (Sandra Branco)

Comecei a pensar na primeira oficina movida por este trecho. Um dia antes de iniciar, estava inquieta. Não sabia como seriam as crianças que estariam no grupo, não tinha certeza do rumo que a atividade iria tomar. Uma ideia surge do que desejava movimentar neles, desejava que eles falassem um pouco deles, contassem de suas vidas, saber um pouco mais de cada um e então busquei meus livros de literatura. Leio, remexo, preparo uma sacola e vou; antes, pego pedras. São seixos, pequenas pedras de rio que enfeitam meu jardim, umas são maiores, mas ainda assim são pequenas, não são lascas da montanha, são pedrinhas que cabem em um pequeno balde e a maior de todas cabe na palma da mão. Agora sim: hora de ir.

Chegando, disponho o grupo em roda e falo que vamos iniciar uma atividade para falar um pouco de nós. E com o livro *A cidade dos carregadores de pedras*, de Sandra Branco, começo a contação da história:

> Quando nasciam os bebês, em vez de roupas e brinquedos, ganhavam uma pequena sacola com pedrinhas coloridas e perfumadas [...] se transformava em uma crença muito forte sobre a necessidade de carrega-las sempre.
> [...] geralmente as pedras nos são dadas quando nascemos. As pedras são como culpas, medos e tristezas que carregamos. Ficar com elas ou não é uma escolha individual. É uma escolha nossa. É uma decisão que cada um deve tomar [...].

Quando termino, estou emocionada, envolvida com a história, e percebo que eles também. Olhos marejados, alguns pedem para sair e lavar o rosto. O silêncio é grande, quebrado pela risada leve de alguém. Aproveito e sigo, vamos conversando guiados apenas pela vontade de falar, alguns alunos começam a contar sobre suas pedras. Que pedras carregam, o que levam com eles que gostariam, de alguma forma, de não carregar mais. Por alguns momentos, ouvimos atentamente os que se sentem encorajados para falar: "*eu me sinto triste, não sei o motivo, mas queria me sentir feliz,*

essa é minha pedra."; "*minha mãe teve AVC, aquela veia que estourou na cabeça, ela não mexe uma parte do corpo, meu pai voltou pra casa para ajudar a gente, não sei o que seria de nós sem ele.*"; "*eu nunca soube o que é amor de pai, mas tinha minha mãe, mas ela casou, teve outro filho e comecei a ficar revoltado pra ela me dar atenção.*"

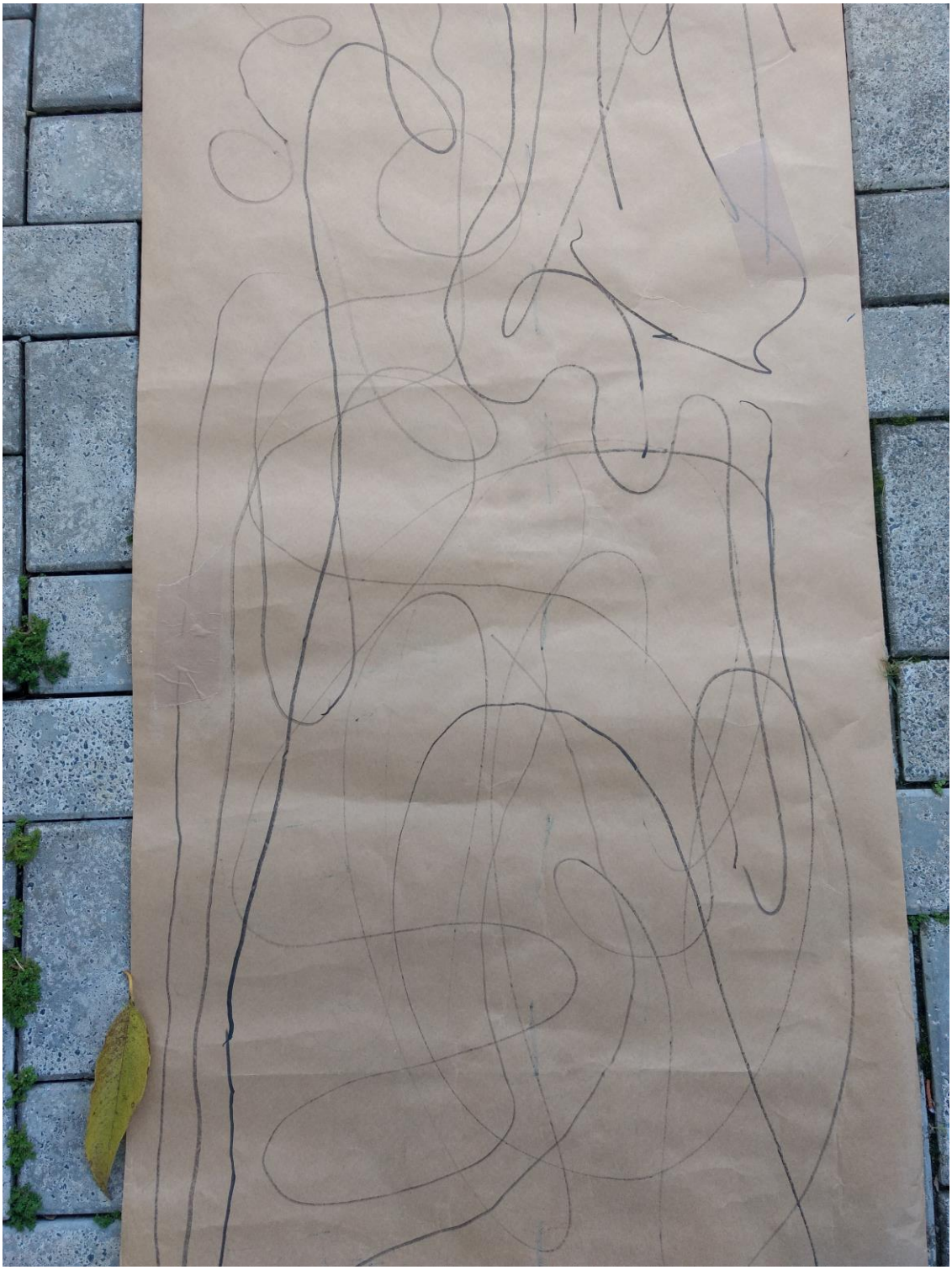
Depois de ouvir algumas histórias, cada um pegou uma pedra e escreveu nela algo que gostaria de se livrar, um sentimento ou acontecimento que estava carregando. Devagar as palavras vão surgindo: solidão, tristeza, raiva, brigas. Os seixos já não são seixos, são lascas de montanha, pedreiras, uma montanha inteira, porque o tamanho e o peso de uma pedra têm a ver com o tanto que ela arria a gente, pesado não é questão de massa e volume, mas de afeto. Escrevem e seguram suas pedras. Aquele era nosso primeiro encontro, mas eles estão juntos há quatro dias, pois as unidades curriculares acontecem concomitantemente Mas quatro dias é pouco para expor tantas fragilidades, medos, tristezas e isso os deixa com muita vergonha, poucos falam e um menino pede que escrevam em um papel sobre suas pedras, pois não quer se expor, decidimos então seguir com a escrita. Todos escrevem, preferem ficar sozinhos, se espalham, e seguem em pensamento... Eu fico observando o que acontece. Muitos deles entregam o papel dobrado e confirmam várias vezes se só eu farei a leitura dessas histórias. Confirmo e recolho os relatos e marcamos um novo encontro.

O caminho para casa nunca pareceu tão longo, nunca foi tão distante. Vontade que me consome de pegar todos os relatos e ler, mas não o faço. Antes disso, tenho que dar mais quatro horas de aula. Em casa, hora de sentar e iniciar a leitura; leio um, dois, três, e muitas coisas escritas como: "*eu não queria falar na frente de todos, mas eu me sinto sozinha*", "*me sinto triste, as vezes penso em me matar*". Esses são apenas cortes do que estava a minha frente. Paro, não sei como lidar, vontade de ligar para cada um e dizer que estava ali para ouvir e disponível para um abraço. Vou dormir.

Acordo, ou não durmo, não lembro. Como podem viver carregando essas pedras? Acolho a cada um no seu relato, em forma de palavras. Nunca precisei tanto de ajuda para usar as palavras certas, nunca foi tão difícil achar as melhores palavras, as que fossem mais acolhedoras, que acalentassem e que fizessem com que se sentissem seguros. Queria dizer: "Ei! Estou aqui! Contem comigo!" Sentia vindo deles um vazio ou não, uma vontade de esvaziar, havia neles algo que não queriam.

Ohno (2016, p. 36) nos fala dessa vontade de esvaziar, de fugir de si: “Um dia disse a mim mesmo, ‘saia, vamos lá, saia.’ Teria dito isso a meu corpo? A minha alma: A vida em si? Sem notar saltei pra fora. As mãos saltaram. A minha essência estava armazenada em minhas mãos [...]”, buscava naquele momento pensar em uma maneira para que eles pudessem se expressar. Oficinas para colocar a mão na massa, na argila, na caneta. Senti a necessidade de fazer tudo de outro modo. Penso agora, em que sou tocada e me movimento pelas leituras e trocas que o mestrado me possibilitou, em seguir de outro jeito nesses encontros, nas oficinas. Quem sabe tentar instaurar ali o silêncio, para que se possa ouvir e assim fazer junto. Estar com eles, ser presente; sinto uma vontade grande de que eles queiram estar ali comigo também.

Nesse momento não sei dizer se nosso começo foi com as pedras ou com as cartas, as duas foram muito importantes nesse primeiro contato. As pedras por tudo que trazem, pela dureza, por impedir que algo passe, e as cartas com as mesmas características das pedras, só que nela são palavras.



Transformando coisas em outras coisas

Como deixo um sentimento para trás? Como (transformo) esqueço de algo que me marcou, me magoou? Olhando as pedras, os sentimentos ali deixados, resolvemos que elas poderiam ter outra forma, ser mais leves. Alguns materiais foram colocados em sala de aula sem mesmo saber o que poderiam virar. Levei sacolas com tecidos, plástico de embalar produtos em supermercado, tesouras, colas, linhas, revistas, cartolinas, canetinhas e muitos outros materiais. Olhamos tudo disposto em uma mesa ao fundo da sala e assim ficamos olhando por alguns minutos os materiais, algumas ideais iam surgindo. A primeira coisa que fizeram foi pegar folhas e escrever algumas frases, outros mexeram nos tecidos, explorando tudo que tínhamos e, aos poucos, as palavras que se referiam aos sentimentos começaram a virar pequenos poemas, e seguimos conversando; ainda era preciso transformar as pedras em algo mais leve e, depois de algumas trocas e possibilidades, elas viraram pequenas almofadas feitas com muito carinho. Tudo surge muito rápido e a ideia que tiveram é que, tendo que carregar, sabendo que todos os sentimentos seguem com a gente, que seja leve, que seja bonito. E começam as produções das almofadas e dos poemas, com carinho em cada detalhe.

Olho atenta e, assim como Manoel de Barros, entro no reino da despalavra, atingindo o reino das imagens. Não preciso falar, não ouço o que falam, apenas os observo. Eles pegam os tecidos, escrevem, pintam e costuram. Com calma se ajudam, dão risadas e trabalham, produzem começos de almofadas.

Em meio ao que faziam, chega o lanche trazido por uma padaria da região que foi contratada para entregar todas as tardes nosso lanche; não param, comem e escrevem ao mesmo tempo. Os poemas vão surgindo em meio a risadas e tintas, uma leveza para algo que parecia tão pesado. Procuraram nas pedras inspirações para escrever seus poemas. Olham as pedras, fazem a leitura dos sentimentos inscritos, se inspiram, escrevem. Dividem as atividades, uns preferem escrever, outros costurar, encher e fechar as almofadas. A sala vai ficando colorida e suja, o lanche se mistura aos tecidos, tesouras, recortes de plástico, e as almofadas vão ficando prontas, dando cor ao ambiente.

A produção das almofadas me faz refletir o quanto elas estão cheias. Dentro delas vai muito mais que um pouco de plástico picado. O interior se enche de dores,

amores, despedidas, partidas, chegadas, nelas colocamos além dos plásticos as cartas picadas, rasgadas, dores que já não queremos mais carregar. As pedras continuam ali com os sentimentos colados nelas, são duras, estão empilhadas, mas elas não precisam mais ser carregadas, foram deixadas em sala, juntas e tudo ganha outra forma e fica leve. Como é bom seguir mais leve. Meus pensamentos são interrompidos com uma aluna chamando: "*professora, tive uma ideia: se for para sentir vazio, que seja do estômago*!" Uma grande risada. O que eu imaginava que seriam momentos pesados, como as pedras da primeira oficina, são horas leves que passaram sem que a gente percebesse. Refazer uma coisa fazendo outra, partimos das pedras e elas viraram almofadas. Concentrados, costuram os tecidos, transformam aquelas dores em algo macio. Me alegro em ver essas pequenas mãos costurando, se entregando às almofadas. Me sinto espectadora, pois me posicionei na sala de forma a observar tudo que passa e interferir o mínimo possível no que está acontecendo. Deixo-os conversando e fazendo as almofadas.

Passou da hora. Temos que ir e combinamos nosso próximo encontro, saímos falando e rindo. Quero voltar logo, desejo imensamente continuar, saber mais, transformar mais. O que mais poderão produzir? Em que esses sentimentos podem se transformar ainda? Sigo meu caminho, mas levo tudo isso dentro de mim, junto as pedras deles com as minhas. Estou preenchida de tudo que vi, de tudo que vivi. Continuaremos. De pedras à almofada, os poemas seguirão, pois, já dizia Manoel de Barros, as coisas que não pretendem, como as pedras, prestam para poesia!

Senac
Faculdade
graduação
Senac
Igreja
Delegacia

O que surge nas oficinas

Pensando de forma ampla, quem teria direito a felicidade? Acredito que todos nós, independentemente de cor, classe social, idade. Martinez (2003) diz que desde muito tempo a felicidade tem sido privilégio das classes altas e uma esperança utópica das ideologias progressistas, o mundo consumista transforma a felicidade em produtos consumíveis, então, se não se pode consumir, não se pode ser feliz. Em vários momentos das oficinas fiquei pensando sobre isso enquanto produziam, riam, e pensavam inclusive em conseguir um dinheiro para fazer uma ação social. Me perguntava baixinho porque não pensavam em ficar com o dinheiro que nosso trabalho final irá trazer, não compreendia porque em nenhum momento eles falavam em se beneficiar do dinheiro que ganhariam com as vendas das almofadas ou com as entradas da exposição. A afirmação de que dinheiro traz felicidade não cabia ali.

O grupo segue com o trabalho de fazer as almofadas, transformar o peso das pedras na leveza das almofadas. Seguem produzindo almofadas e poemas e pensam em expor suas produções. Assim trabalhamos e amadurecemos a ideia de exposição final e durante o lanche conversamos sobre como poderíamos expor tudo que está sendo produzido, e, de alguma maneira, movimentar os visitantes que passaram pela exposição, assim como também nos movimentamos. Uma ideia começa a ganhar forma, teremos uma exposição! Ficou combinado que a exposição teria o jeito do que vivenciamos no processo, esse mergulho no fazer que transformou materiais e, quem sabe, alguma sensação.

Um motivo para ir ou para ficar

A vida é feita de decisões, ir ou ficar é uma delas. Em todos os momentos precisamos decidir por um caminho, uma roupa, um amor, um emprego, um livro, ir ou ficar e seguimos fazendo nossas escolhas.

Nossos encontros acontecem duas a três vezes por mês, sempre às quintas e sextas-feiras. Um dia em que de acordo com o cronograma da instituição eles deveriam estar com outro professor, de outra unidade curricular, recebo várias mensagens me informando que o professor que era para lecionar aquela tarde não havia chegado. Quando vejo as mensagens, fico preocupada, são estudantes entre treze e quinze anos e me sinto muito responsável por eles. Faço uma ligação para a líder da turma perguntando como vão para casa, se avisaram os pais e a coordenação do curso. Para minha surpresa, quando começamos a conversar, ela diz que resolveram ficar e diz que estão sentados conversando sobre a próxima oficina e já têm algumas ideias para executar, e que precisam também pensar em poemas para produzir mais almofadas, que há muito para fazer nas oficinas. A aluna ao telefone me pede desculpas e diz que precisa desligar, pois o lanche chegou e estão com fome.

Em uma conversa de alguns minutos apenas, ela chegou tirando todos os clichês, limpando o que que estava colocado em minha mente sobre um dia sem professor. Não esperava por isso: eles decidiram ficar. Podendo ir, preferiram ficar. Podendo sair, ir para casa dormir, estudar, ver televisão, ir à sorveteria que fica em frente e que eles tanto gostam, preferiram ficar. Assim como no filme *The Way* [6]*– em busca de um caminho*, em que um grupo formado no caminho tem finalmente a oportunidade de se separar, indo cada um para o seu canto, sem as discussões rotineiras, sem as brigas, vão aos poucos se reunindo em um dos quartos do hotel de luxo onde estavam. Podendo estar sozinhos, podendo ir, decidem ficar. Ficam e pensam as novas possibilidades para a oficina, se organizam, lancham juntos, conversam, fazem a oficina acontecer. O desejo de estar ali me surpreende, e penso no que os fez ficar.

Para mim, a travessia de uma ponte é deveras assustadora, tenho medo, não gosto, arrisco dizer que me sinto vulnerável demais ao passar por ela. Podemos usar

[6] The Way um filme sob a direção de Emili Estevez produzido por David Alexian em 2012.

aqui o conceito do dicionário Aurélio que define vulnerabilidade como lado fraco de uma questão ou ponto por onde alguém pode ser ferido ou atacado. Mas um dia desses resolvi atravessar e vulneravelmente quase corajosa chego do outro lado da ponte. Assim como eles, ou em um movimento contrário, podendo ficar, decido ir. Uma decisão que só cabia a mim naquele momento; desejava descobrir a sensação de estar do outro lado. Os estudantes ficaram por desejo de estar ali, descobrem a sensação de estar no espaço de forma diferente (ou da mesma forma, por isso ficam?). Esses jovens promovem em mim e no ambiente por nós criado, uma ruptura, aparecem novas possibilidades. Pensam com uma força, sem forma, e esta atravessa as coisas, a rotina e os clichês sobre um dia sem professor. Cada corpo porta um tanto de coisa que não sabe. Eu não sabia que isso podia acontecer. Esses encontros criam laços entre nós. Essa decisão por ficar tem o traço desses laços. Está claro, há um pequeno grupo que começa a gostar de estar junto. Estou longe nesse dia.

Não tenho certeza sobre o que está em jogo e foi aprendido. Mas algo me diz que aprendi mais que eles, porque eles se abriram para o novo e fizeram que algo acontecesse enquanto eu esperava apenas o abandono do local. Talvez estejam buscando por seu espaço, frente ao desconhecido se protegem com o que tem sob seus domínios, a amizade. Juntos se organizam, caminham para novas produções. Algo para o que ainda não consigo explicar, tenho apenas suposições do que é dado pela coisa que se faz. O que é, e se é bom ou não iremos descobrir juntos.

Aguardar o próximo encontro, deixar que conduzam com suas ideias a próxima oficina. E eu? Eu estarei esperando que algo se faça. Agora, somente agora, vejo a oficina como uma viagem, fora dos padrões, pois dela sabemos apenas o local de origem ou ponto de origem, não temos certeza do destino, como num patchwork. Por hora fico atenta aos caminhos e, antes de ir, sinto a inquietude que eles sentiam nos primeiros encontros. Somos corpos inquietos e desejosos de algo novo, algo sentido e criado por nós, saindo do modelo criado pela escolarização nos entregamos a novas experiências. O que virá? Não sei, os corpos trazem algo, mas desconheço e assim espero. E eles? Deles pouco sei agora, sei que esperam como eu.

A luz faz silêncio para os pássaros,
- eu escuto esse escândalo!
Um perfume vermelho me pensou.
(eu contamino a luz do anoitecer?)
Esses vazios me restritam mais.
Alguns pedaços de mim já são desterro.

(Manuel de Barros)

Seguindo o fluxo

Hora de começar um novo encontro. Não sei o que preparam para a oficina, pois não estive com eles no último encontro. Decidem fazer autorretratos e escrever uma frase que fale um pouco de cada um e de sentimentos. Resolvo provocar um pouco e fico olhando para o fundo da sala onde temos os materiais disponíveis para as oficinas, embaixo da mesa tem uma pilha grande de bandejas de ovos, vou até o fundo da sala, conto as caixas e, constatando que temos a quantidade suficiente, ofereço-as para que façam os desenhos nelas. Eles relutam, dizem que não têm como, que não conseguem pensar em como fazer. Quando entendem que será um desafio, topam.

As primeiras pinturas começam a sair, e alguns reclamam, acabou o branco, não tem bege, eu não sei fazer minha boca. Paro tudo, conversamos sobre a necessidade de um rosto ser representado da forma que o vemos e uma jovem, a Rita[7], pergunta se a cor pode ter a ver com humor, com outras coisas, porque hoje ela se sente um sapo. Digo sim, isso é um rosto e eles iniciam algumas desconstruções: rostos verdes, azuis, amarelos, sem cabelo, riscos pela caixa, sem formato. Ainda têm medo, querem entregar algo que seja bonito para estar na exposição, mas vou passando pelas mesas e incentivando, dizendo que criem, improvisem, sintam-se parte dessa caixa.

A atividade vai ficando leve, eles riem muito e ficamos a tarde toda com nossas caixas, nossos rostos descontruídos, verdes, coloridos. Agora precisam procurar uma frase que fale deles. Nesse momento, a sala fica mais quieta, percebo que querem algo que fale deles, para alguns é melhor criar algo, para outros muito já está dito e querem usar.

[7] Os nomes aqui utilizados são inventados para não expor os estudantes participantes das oficinas.

Não fiz exigências, deixei que eles fizessem da maneira que se sentiam mais à vontade. Deixo seguir. Como nos diz Preve (2010, p. 29), “Para explorar e conhecer novos lugares o viajante necessita de pouca coisa, nada que mantenha ocupadas suas mãos ou que o impeça de caminhar ereto e no seu ritmo.” Assim, com pouco eles seguem suas viagens na produção do rosto.

As produções vão finalizando e iniciamos uma conversa com um balanço do que fizemos, alguns riem de seus desenhos, outros estão um pouco incomodados em se ver com cores estranhas, querem justificar, a caixa vira a vilã da história e ouço: “*a caixa é ruim, se fosse no papel teria feito melhor*”, “*isso não parece meu rosto*”. Ouço as reclamações, eles continuam pintando e sem perceber a aula acaba e aos poucos começam a sair, a sala fica vazia, permaneço ali sentada pensando em tudo que conversamos, no que senti durante a oficina. Tanta coisa surgindo, tantos temas sendo abordados. Pego meu caderno na ânsia de registrar tudo e não perder nada. Tudo é muito importante. Paro, fecho o caderno. Não quero anotar, não cabe anotar nada agora. Quero sentir, sentir as falas, os questionamentos, as dúvidas. Anotar agora seria ir contra tudo que conversamos, quero descontruir também um modo de fazer anotação. Não quero o papel, o relato, a escrita; quero, no silêncio, guardar na memória o que fizemos hoje, pelo menos por agora. Aqui inicia em mim um se deixar ficar no que foi e depois, só depois, escrever. Escrever com o que ficou. Escrever sem cronologia, sem um antes e um depois. Escrever das forças que um encontro provoca em nós. Escrever o que ainda não sei porque acabei de viver. E se de alguma forma a minha escrita ficar desconexa por algo que esqueci? Não quero atrofiar meus sentimentos, quero sentir e dar sentido ao que estamos experimentando, vivendo, eu e eles.

Primero, pintar retratos sin modelo.
Después, pintar autorretratos sin modelo.
Quizá se pueda entonces pintar la nada con modelo.

(Roberto Juarroz)

Fugas

Uma outra oficina começou , um outro encontro, um outro dia em que não levei muitas coisas. Na verdade, levei apenas uma frase. Cheguei em sala, sentamos em roda e disse a eles: precisamos seguir produzindo. Logo que termino a frase começam as perguntas, os pedidos de direcionamentos, querem saber o que devem produzir, se podem terminar as almofadas, se podem fazer poemas, uns perguntam se dançar é uma produção. Para todas as perguntas a mesma resposta: vocês decidem!

Um incômodo geral, levanto e saio da roda e logo eles começam a se agitar. Levantam, pegam violão e começam a cantar, um outro grupo começa a ensaiar uma coreografia, para outro os poemas e as almofadas ainda são o mais importante a fazer. Eu fico observando todos os movimentos, nada falo. Engraçado que alguns me olham como que esperando uma aprovação (da professora) em forma de sorriso ou um sinal com as mãos, o olhar. Eles usam os celulares para pesquisar músicas, querem muito se expressar através da música e da dança, parece que o corpo deles quer falar, uma necessidade de expressão, de expressar algo. Deixo que façam; nesta proposta de oficina (na proposta deste dia) não cabe a mim a decisão do que fazer, cabe sim a questão, mas eles precisam criar.

As coreografias começam a surgir, os movimentos são fortes, dizem algo. Ouço as músicas que estão escolhendo e uma delas me chama muito atenção: *Papel do mal* – de MC menos de VG. A música fala do dinheiro, do que o dinheiro traz de ruim para as pessoas que o tem. Esse é um pequeno trecho da música: "Dizem: traz felicidade, e outros dizem que não, enquanto uns tem muito pouco, grande minoria esbanja um montão [...] Sem ele tu não é nada, com ele tu vira presa, outros que não *obteram*, vão roubar você com toda certeza."

A música é cantada com força, fazem percussão com copos, eles batem forte no chão. Percebo uma força, uma expressão que ainda não tinha percebido com tanta intensidade nas almofadas, nas pedras, no autorretrato. Parecia que eles precisavam desse momento, precisam ficar livres, precisavam de espaço para escolher como se expressar com o corpo todo.

Depois de cantar, dançar, é hora de lanchar e conversar um pouco sobre o que estamos fazendo e sobre a exposição. Afinal as oficinas acontecem, embora já tenhamos esquecido disso, num espaço institucional. Estamos indo tão longe a cada encontro que esquecemos disso. Eu os encontro porque há uma cobrança sobre meu trabalho. Preciso lançar conceitos, preencher um diário de classe, verificar os desenvolvimentos dos alunos e lançar em um sistema. E com tudo isso será que é possível fugir estando nos espaços institucionais? Estamos fugindo.

Peço que se manifestem sobre o que desejam na exposição e timidamente começam a dizer que querem uma exposição que se movimente, querem que as pessoas

participem com eles, que possam experimentar tudo que eles viveram. Deixar suas pedras também, dançar e cantar. Por que não?

E, em meio a tantas conversas, surge um nome: 'Nem exposição nem apresentação, aqui é arte por toda parte!' Eles sabem o desafio que têm pela frente, sabem que precisam de uma organização muito grande, mas isso não faz com que desistam, muito pelo contrário, já dividem tarefas e começam ali mesmo uma organização para o funcionamento da exposição como processo educativo.

Extraordinário somos todos nós!

O dia tinha tudo para ser diferente por vários motivos. Era dia de despedidas, pois, voltaríamos a nos ver em janeiro para dar continuidade às aulas do curso. E a atividade deste dia seria fora da sala de aula. Os alunos ganharam um dia no cinema para assistir ao filme *Extraordinário*[8] e, para concretizar, saímos da cidade de Gaspar em direção a Blumenau (cidade vizinha). Fomos de ônibus e eles quietos, olhavam pela janela, riam, alguns dormiam e logo chegamos. Entramos no shopping, pegamos pipoca e refrigerante que ganhamos como parte dos ingressos. Logo nos assentamos nos lugares para esperar o filme. Em poucos minutos a sessão começa e o silêncio é total, todos prestando muita atenção ao que passa na grande tela..

Com apenas alguns minutos de filme, escuto os primeiros choros discretos dos que estão ao meu lado, e choro também. Em vários momentos nos emocionamos, a história é comovente e mesmo sabendo ser fictícia nos faz pensar na vida e em como tratamos o próximo. No filme, um menino em idade escolar passou seus dias em casa, saindo apenas em alguns momentos com um capacete para cobrir o rosto que era deformado. Ele já havia passado por várias cirurgias, mas ainda tinha marcas e era visível que os repuxos das cirurgias não deram conta de refazer a orelha, o nariz, o queixo. E a família desse menino decide colocá-lo na escola, acham que está na hora. E já no primeiro dia ele é zombado pelos colegas. Todos riem, apontam o dedo e em vários momentos, no decorrer do filme, ele quer desistir, não quer mais ir à escola. E a

[8] É sobre a história de um garoto que passou por 27 cirurgias plásticas para recuperação do rosto que continua deformado e ele frequentará a escola pela primeira vez e terá que lidar com todos o observando e avaliando. Direção de Stephen Chbosky. Produção David Hoberman. Tempo 1 h 53 m.

história se desenrola em cima desse tema e em menos de duas horas o filme acaba. Não quero falar do filme, e sim do que movimentou em nós, e se conseguir.

Quando saímos do cinema, sentamos para esperar o ônibus e ficamos conversando, e pergunto, bem despretensiosamente, o que é a escola para eles. Um deles responde e coloco aqui suas palavras: "*A escola? Professora, vamos falar de vida? Ele* (se referindo ao personagem do filme) *tem um rosto deformado e na escola se sente mal, chega em casa e fica tudo bem, tem uma família que o compreende. E quando sua vida é ruim, mesmo sem rosto deformado, mas sem dinheiro, sem apoio, com dificuldades e você não tem o espaço de casa para ser abraçado e acalmado? Quando somos julgados o tempo todo?*" Eu perguntei, ele respondeu e a gente não dá conta do que ouve, concordei com um abraço, que em outras tentativas não teria sido aceito, mas dessa vez foi. Já no ônibus, rimos, conversamos, tinha uma cumplicidade no ar, um sentimento de que estávamos juntos. Entrego para eles uma lembrança que fiz uns dias antes, com uma foto nossa, choramos um pouco, marcamos de nos ver em janeiro no retorno das aulas e pedi que, se precisassem de qualquer coisa, me chamassem, que estava ali. Alguns abraços, beijos, acenos e até logo.

Volto para casa dirigindo e pensando nos rostos, nos sorrisos, nos choros, no que estamos construindo juntos e no quanto estamos nos movimentando, quantos movimentos de fuga ao que estava prescrito para um trabalho com adolescentes em situação de vulnerabilidade social estavam se esboçando. Nossos encontros estavam tão diferentes, conversas, trocas, um movimento constante, algo acontecia.

Para chegar em casa busco um outro caminho, sinto que dentro dessa experiência que estou vivendo o caminho de sempre não cabe, preciso de um maior, mais longo que me permita mais tempo no trajeto para pensar no que aconteceu. Saí mexida com a resposta do aluno. Fico com ela na cabeça, lembro do filme, dos meus problemas e penso sobre a importância de olhar para o outro com carinho e atenção. Felizmente eu tenho um lugar tranquilo para estar, mas isso não me acalma, queria saber como estão em suas casas e o que fazem. A tecnologia nos aproxima de alguma forma e mando uma mensagem pelo aplicativo falando que cheguei bem e desejando boa noite. As respostas começam a chegar, sem perceber durmo. Nos meus sonhos continuo as conversas, as trocas e espero que o sonho aconteça algum dia e não seria o melhor sonho aquele que continua de outro jeito quando acordamos?

Nem exposição, nem apresentação, é muita expressão!

Vários elementos permeiam as oficinas, e elas mudam. Quase sempre tem uma música tocando no computador. Em alguns momentos uma dupla mais que afinada faz um som ao vivo e vamos produzindo, escolhendo repertório e cantando junto. O momento do lanche também temos feito sempre juntos. Não paramos para comer, comemos juntos enquanto produzimos algo. Acho muito bacana que o celular, nesses momentos, é apenas usado para bater fotos.

Em uma das oficinas começamos a produzir e pensar nas vendas das almofadas, afinal, não podemos esquecer que temos algumas competências a desenvolver no curso, estamos dentro de um ambiente escolarizado e as regras são claras: eles precisam aprender a abrir uma empresa, organizar os produtos, produzir, vender, verificar lucro e tudo mais que a organização de uma empresa requer. Falamos em uma das oficinas que uma empresa visa lucros, deve contratar, demitir quando necessário. E eles, ao mesmo tempo que estão criando algo, pensando, produzindo, vão se organizando dentro de uma proposta empresarial que é exigida pelo currículo da instituição. E em uma das conversas trouxe a eles o que Drucker (1998) diz sobre a empresa, que ela é algo além do que apenas dar lucro. Uma empresa é feita por pessoas, não pode ser entendida apenas como geradora de lucro. Entre tantos autores da administração, talvez não seja Drucker o mais indicado, mas como a conversa com eles seria para pensar a noção de empresa, recorri ao que tinha em mãos da minha época de formação. Há uma proposta empresarial no Senac, assim como há uma proposta escolar na escola, mas esta dissertação trabalha com algo que vai além do que está posto, que passa pela produção de encontros potentes, de um estar ali juntos. Assim, fomos pensando em como seria esta empresa que estava sendo planejada e como iríamos trabalhar com ela. E dentro dessa visão de Drucker compreendemos que nossa empresa deveria ser uma empresa que não tem como finalidade o lucro, este viria com um bom trabalho, bom produto e com as vendas. Deveria ser boa para se trabalhar, era feita de pessoas. Com essas ideias, fomos dando forma a nossa empresa. Desde o início, essa ideia de empresa, de estrutura foi passada aos alunos e foi dela que começamos, por onde não parecia ter começo.

Produzimos muitas coisas, mas ainda não havia uma empresa. Fomos afinando nossa conversa sobre a empresa e sobre as vendas, mas eles acham que as almofadas não servem para venda, elas valem muito para eles, mas para venda têm pouco valor comercial. Alguém sugere uma exposição e começamos a explorar essa ideia. Decido mostrar para eles um vídeo que fiz de um colega chamado Raphael Faria[9] que conheci no evento Conexões Deleuze/2017[10]. Raphael leva para praças birutas feitas com saco de lixo e propõe a quem passa brincar e dançar com elas. Interessante como o pesquisador vai recolhendo materiais onde quer que esteja para confeccionar suas pipas. O vídeo mostra um movimento que encanta a todos e em poucas horas decidimos que não faremos nem exposição, nem apresentação. É um momento com muito movimento de ideias, onde nossas atividades realizadas em sala serão novamente feitas, mas desta vez junto com os visitantes. Trabalharemos para que todos os visitantes também participem da construção desta exposição. De pedras a almofadas os movimentos irão se fazer, e os encontros também.

Movimento e interação farão parte do que estamos construindo. Eles serão, ao mesmo tempo, um tanto curadores, um tanto dançarinos, um tanto artistas, cantores. Decidido isso é hora de organizar a "empresa" e todo o evento, explico que teremos um pouco mais de trabalho, mas que acho a ideia ótima. Eles se dividem em pequenos grupos que são agora chamados de setores e cada um fica responsável por uma tarefa e a organização começa a funcionar. Algo muito lindo e sensível está se formando. Eles querem dançar, cantar e interagir com os visitantes! Aqui começamos a perceber uma comunicação que se dá de outra forma. Como diz Corrêa (2006) na sala de aula dada a sua organização e configuração e intenção, temos uma comunicação que produz um corpo imóvel que trabalha na imobilidade e vemos aqui algo outro acontecer. São movimentos, trocas. Uma comunicação que ao invés de pacificar ativa algo nos envolvidos. Se leva tempo até chegar na vizinhança disso, desfazer em nós o hábito da comunicação com palavras gastas. Estamos tentando com nossos muitos movimentos,

---

[9] Raphael Faria é graduando em Artes Visuais pela UFU - Universidade Federal de Uberlândia. É bolsista de iniciação cientifica pela FAPEMIG e desenvolve sua pesquisa a partir das questões ligadas a performance e intervenção urbana. Também compõe o grupo de pesquisa "Asfalto – texturas entre artes e filosofia", vinculado ao CNPq

[10] Em 2017 foi realizada a sétima edição do evento chamado Conexões Deleuze. O evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze. Realizado na Unicamp – Universidade Federal de Campinas, em Campinas- SP

sair da imobilização e funcionar de outra forma. Sigo atenta. Me faço com os movimentos deles, nos movimentamos juntos.

Sobre pesquisar

Mientras los días en el río fluyem los días en la memoria se estancan.
(Guilhermo Clemente)

Durante as férias, estive afastada das aulas, mas não da pesquisa e nem dos alunos, afastada da rotina da escola, da sala de aula, mas não das vidas desses adolescentes que seguem comigo, pensei muito na pesquisa e na minha vida. Os dias passam e sigo com muitas reflexões sobre tudo que fizemos na pesquisa e produzimos em nossa sala de aula. Trocamos mensagens por aplicativos, externamos nossa vontade de voltar, de estarmos juntos. E eu penso. Penso na vida, na vida deles e na minha vida. Penso nas ideias de pesquisa partilhadas no grupo de pesquisa coordenado pela Ana Preve, minha orientadora e por estas trocas e pensamentos; consigo dizer que a oficina tem dessas coisas, ela ajuda a desfazer algo, pode ser um conceito, um pensamento, um movimento. Ela não tem forma fixa, mas persegue uma questão problema e é esta questão que dá vida ao oficineiro e ao seu grupo.

Uma pesquisa se inicia com um objetivo, uma vontade, uma necessidade e, quando essa necessidade surge, e você decide sobre o que irá pesquisar, ela, a pesquisa, segue junto com as vidas envolvidas pela pesquisa. Mas não falo só da vida que se mostra enquanto se está pesquisando, falo da vida que é vivida em todo momento enquanto se pesquisa. Você pesquisa e vive, pesquisa e vai ao mercado, pesquisa e cuida da casa, pesquisa e cuida do filho, cuida da família e pesquisa e, quando você se dá conta, as coisas estão totalmente interligadas, juntas, parecem que pertencem uma a outra. Vida vira pesquisa e pesquisa vira a vida.

Todo esse conjunto se reflete em sua escrita em sua maneira de ver a pesquisa, em sua forma de expressar um vivido de uma outra maneira. Não nos interessa dar nome a esse tipo de pesquisa. Importa que há um pesquisador nisso, misturado por sua questão de pesquisa. E quando o pesquisador afirma e se afirma nesse modo de pesquisa, seu texto trata dos processos, e por isso, por vezes, chamamos a escrita desse processo de cartografia.

O ato de pesquisar sempre promove uma mudança que se reflete na vida, nas atitudes, na forma de pensar, ou reafirma pensamentos e ideias já firmadas. Mas o que quero falar mesmo aqui nesta página é que, ao pesquisarmos, vivemos e somos afetados por nossas vidas em nossas pesquisas e, como diz o poeta Guilhermo, em outros momentos enquanto o rio segue as memórias param. Estamos quase sempre presos ao que já conhecemos, ao que já sabemos e pouco deixamos fluir, poucas vezes nos permitimos ouvir uma nova ideia, uma nova possibilidade de fazer. Não desejo parar, quero continuar a pesquisar e continuar com os movimentos que estão surgindo e se transformando em mudanças dando direcionamentos outros à pesquisa. Nem sempre é fácil seguir, nem sempre é fácil dar continuidade à escrita, a pesquisa e a vida.

Às vezes, fraquejo, mas não desisto, um desejo enorme de continuar a pesquisa e a vida segue assim.

Muita produção

Em todas as oficinas fizemos muitas coisas. Danças, almofadas, cantoria, troca de ideias, estudos sobre as possibilidades de dizer e fazer algo juntos. Essa comunicação parece ser essencial para que tudo aconteça de forma fluida e tão libertadora. Nada é decidido por mim unicamente. Quando me preparo para uma oficina penso em questões que preciso trabalhar, afinal tenho um plano de ensino a cumprir e com ele competências a desenvolver, que são partes do processo de ensino e aprendizagem dentro de um ambiente escolarizado no qual me situo.

Ao pensar em uma questão para levar para a oficina, preciso fazer com que ela esteja ligada aos objetivos da instituição, para que esta mesma questão desenvolva as competências solicitadas pela instituição. Não é fácil e mais fácil seria levar uma aula pronta, onde a comunicação se desse entre emissor – informando uma mensagem e receptor. Assim, desse jeito. Mas penso aqui em uma comunicação além dessa estabelecida além dessa unilateralidade, além da mensagem que deve ser emitida e recebida por alguém que deve compreendê-la.

Com a questão preparada sigo para a oficina e não preciso levar outra coisa além da questão, pois temos em nossa sala de aula uma grande variedade de materiais.

Chegando na sala, sentamos e conversamos sobre a questão que temos para o dia e pensamos juntos em como desenvolvê-la, o que podemos fazer com ela. Não temos uma prática de sentar em roda, ou no chão, apenas vamos nos reunindo da forma mais conveniente no momento para todos, começamos a desfazer o modo de estar. A conversa em cima da questão vem para desfazer um jeito de dar aula, uma organização especial e assim entrar em outro modo de estar junto.

Refletimos sobre a questão, conversamos e juntos decidimos o que será feito, o que podemos criar. Nesse contexto nos recriamos e como nos propõe Deleuze (1992, p. 21) "[...] desfazer a organização humana do corpo, atravessa tal ou qual a zona da intensidade do corpo, cada um descobrindo as suas próprias zonas, e os grupos, as populações, as espécies que o habitam." Habitar de forma diferente algo que existe e funciona de um jeito já definido, recriar uma organização do corpo, movimentar, ocupar o espaço e sair desse espaço que foi feito para imobilizar.

Linhares vem de linhas

Um novo dia, um novo encontro e uma nova questão. A ideia era de propor um jogo de linhas[11],um trabalho que já havia sido realizado pela professora Ana M. H. Preve no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis em seu douturado. Propus aos alunos o mesmo jogo, seguindo as explicações de Preve (2010, p.89) em sua tese:

> Sentamos em círculo em torno de uma cartolina branca, com os lápis para traças linhas. Linhas cujos tamanhos seriam determinados pelo jogador e o jogo correria no sentido horário. A cada jogador a regra de fazer uma linha. O jogo exigia que esperassem por sua vez e mantivessem atenção nas linhas.

Assim como ela, propus aos alunos este jogo, onde cada um faz uma linha e quando eu batia palmas eles passavam a caneta ao próximo que deveria fazer outra linha, seguindo do ponto onde a anterior parou. Foram alguns minutos que ficamos fazendo risco em um papel pardo colocado no chão. Estávamos todos ao redor do papel e seguimos brincando com a caneta no papel. Por vezes a caneta falhou, o risco não saiu, um ou outro não queria fazer. Ríamos enquanto iam surgindo as linhas no papel pardo. Finalizamos e olhamos para o que estava em nosso papel, rabiscos, linhas pretas e azuis, conversamos sobre o que víamos no papel pardo, o que eram aquelas linhas e ouço com atenção a todas as sugestões e por fim todos concordam que o desenho que vai aparecendo parece um mapa, pois tem linhas que se cruzam, criam algumas formas, parece que as linhas formam pequenos espaços, espaços que podem ser um lugar, sugerem eles. Pergunto então já que pode ser de um lugar, que lugar é esse. Depois de alguns nomes, algumas risadas um aluno diz que estamos diante do mapa de Linhares, ao ser questionado sobre o motivo do nome o aluno diz que Linhares vem de linhas.

Continuamos nossa conversa e pergunto se querem morar em Linhares, se desejam estar ali e eles protestam, não querem, dizem que o lugar é bagunçado, as formas não mostram o que é na verdade aquele lugar, que eles querem aquele lugar mas de forma diferente e me fazem uma proposta: destruir Linhares com um meteoro e recomeçar, eu digo que eles devem decidir, o local é deles e assim eles fazem, escrevem

---

[11] Para saber mais sobre o jogo de linhas ver tese intitulada Mapa, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação da professora Ana Maria Hoepers Preve, capítulo Cartografias Intensivas, página 89. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/251335>.

a palavra meteoro no meio do mapa e viram a folha e recomeçam Linhares. Um deles explica que na verdade não é bem destruir o local criado por eles, mas sim aproximar o mapa, produzir um zoom. Diz que estando apenas as linhas não dá para perceber a grandeza do local e como fazemos em ferramentas digitais a ideia é de aproximar e ver o que tem nesse espaço. Todos concordam e começam a desenhar esse lugar, agora em seu zoom: um novo mapa aproximado de Linhares.

Com a folha virada fazem os primeiros riscos e seguem livres pelo papel, agora não coloco nenhuma regra, eles vão fazendo o que tem vontade e decidem aproximar o mapa a ponto de ver todos os estabelecimentos que existem nesse lugar, querem que possam ser vistas as pessoas que ali moram, o comércio, a natureza desse local. O lugar está ficando tão bonito, possui casas, água potável, água que gera energia, animais, escola, prefeitura e toda uma organização criada por eles e que não difere muito dos lugares que conhecemos. Eles dizem, enquanto desenham os detalhes que nada pode ser esquecido, que querem habitar Linhares. Eles desenham e riem do que vai se formando e com tudo pronto pergunto: Qual o motivo que os faz querer ir pra Linhares? Agora é hora de cada um, com sua folha pensar e escrever o motivo de ir para lá.

Conforme entregam leio com calma e as respostas são as mais diversas e cada um monstra o desejo particular de morar em Linhares. Para alguns morar lá é bom porque pode-se andar na rua sem preocupação, para outro porque é habitado por animais e não pessoas, para outros por ter pessoas gentis e ser um lugar tranquilo. Depois de ler sugiro que a gente converse sobre isso: esse morar num lugar que se gosta.

Vamos falando sobre o que é importante ter no espaço em que habitamos e o que fazemos quando não estamos onde desejamos e com algumas horas de conversa que durou até quase o findar da aula, chegamos à conclusão que ainda não temos o lugar ideal de viver, que em nosso país vemos corrupção, que as pessoas não se ajudam, que não ouvem um ao outro. Em meio a várias colocações um aluno diz: "*preferimos bater uma foto nossa na frente de alguém se afogando a ir ajudar essa pessoa, porque estamos pensando sempre em nós mesmos, no nosso bem, no que é mais interessante para nós, sempre nós, sempre nós. Mas em Linhares não vai ser assim prof.*" "*Linhares é aqui*!" Construímos o nosso espaço, um espaço de respeito, de partilha, de colaboração e aqui temos a certeza de que por algumas horas podemos ser diferentes,

afinal, estamos em Linhares e pode não ser o paraíso, mas sim, Linhares é aqui e está bem no meio da cidade que moramos.

Não vamos opinar, vamos pensar

O curso que os alunos estão fazendo inclui fazer um estágio não remunerado, de trinta horas. Eles têm entre quatorze e dezesseis anos, precisam trabalhar para ajudar suas famílias e estão diante de uma oportunidade de estar em uma empresa, conhecer um pouco mais sobre o mercado de trabalho, só que não receberão nada por isso. Percebendo a necessidade de falar sobre o estágio, dadas as discussões que começaram em sala de aula porque eles alegam que precisam de dinheiro, que querem trabalhar, mas sem ganhar nada por isso é muito difícil, definimos ser essa a questão do encontro.

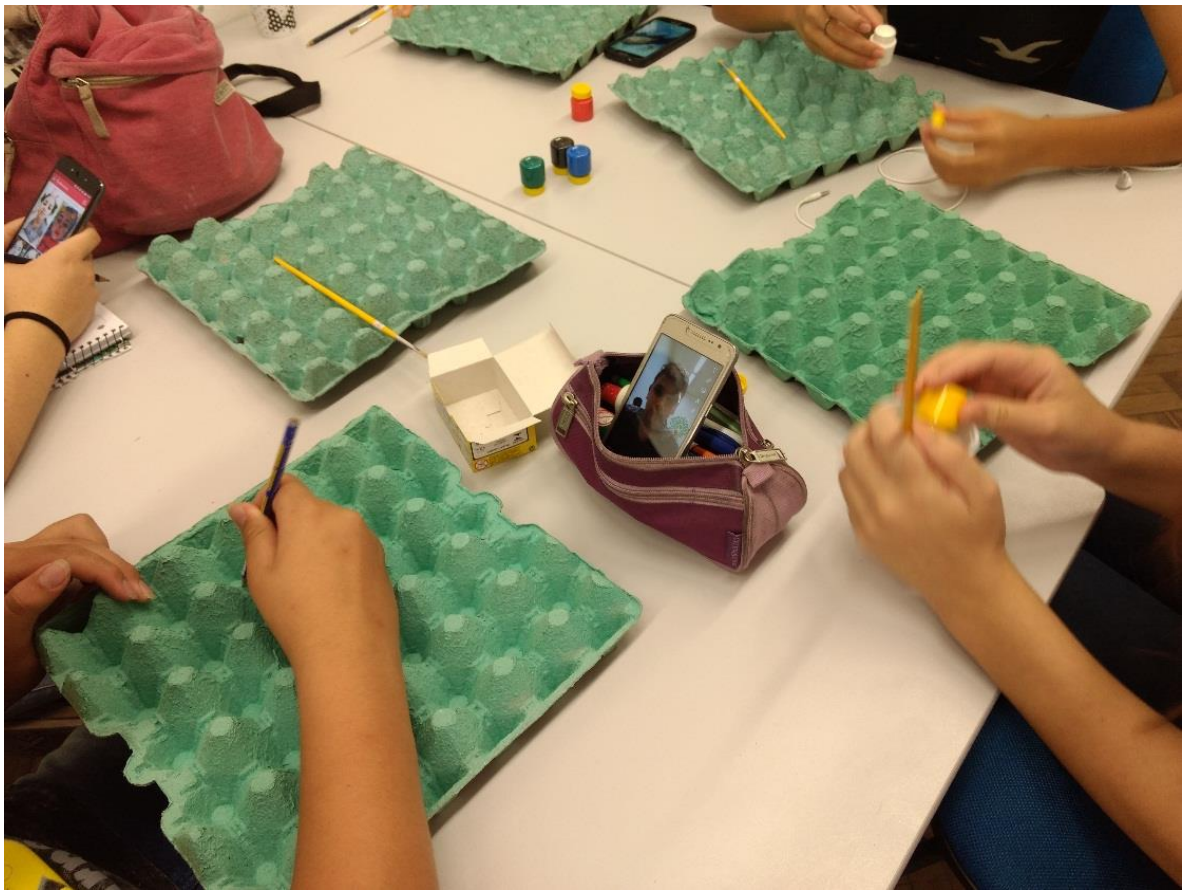
Como temos feito em todos nossos encontros, todos têm voz e vez de falar, assim proponho que conversemos sobre isso de forma aberta, como tantas outras questões que já trouxemos para nossas oficinas e a questão de hoje é essa, sobre o estágio que precisam realizar. Eles estão agitados, mas aos poucos vão se acalmando e peço que se acalmem e ouçam cada um que falar com muita atenção. As angústias vão sendo colocadas para fora, eles falam, e uma das coisas que me chama atenção é que alguns colocam que, neste dia, não terão o lanche que recebem nos dias de curso, e que eles sentem fome de tarde, e que alguns nem almoçam antes de chegar ali.

Essa questão e tantas outras vão surgindo e para que você consiga visualizar melhor, gostaria de descrever como estamos nesse momento: a sala de aula em um formato tradicional, todos enfileirados, um atrás do outro, eu estou sentada em uma mesa a frente deles, observando e interferindo quando necessário. A sala está quente, o ar condicionado não funciona e um ventilador faz um barulho insuportável, mas nos refresca um pouco.

Nesse ambiente, uma sala de aula tradicional, damos espaço a uma conversa aberta e franca onde não se tem medo de falar, de errar ou de questionar. Seguimos com nossa conversar e todos acabam concordando que este momento de estágio lhes dará uma grande oportunidade de inserção no mercado de trabalho e que quanto mais preparados estiverem, melhores serão suas oportunidades.

Eles chegam a esta conclusão sozinhos, com as trocas que fizeram, completando um a fala do outro. Mas o que quero dizer com isso? Que a oficina acontece não como um formato de algo, mas a oficina está na gente, nas nossas atitudes. Independente do formato das carteiras, de alguém conduzir a conversa, se o que buscamos é um encontro, e se há o desejo de que algo aconteça em sala de aula, é mais uma questão de atitude do que de *layout*. É você quem decide que será um espaço de encontros.

Nesse espaço eles pensam, trocam ideias, algo diferente acontece entre eles. Estão dispostos a ouvir, e esperam sua vez de falar. Esperam, ouvem, falam, trocam e chegam a conclusões próprias. Buscaram, por eles mesmos, as respostas. Eu poderia interferir, dizer com minha experiência a importância de fazer este estágio, no entanto é tão bom vê-los conseguir isso com uma questão, que é grandiosa, e os faz pensar. É bonito ver algo que não é uma opinião sobre e sim um jeito de pensar com o que estamos fazendo.



Descobertas

Os encontros – nossas aulas estão chegando ao fim, mas conversamos e ficamos refletindo sobre tudo que produzimos nos encontros e alguns dizem que gostariam de permanecer ali e produzir mais. O tempo não para e as coisas vão acontecendo e precisamos preparar a finalização do curso que será uma apresentação para os pais mostrando as produções nos encontros.

Ao iniciar a aula entrego a eles um roteiro que fiz em casa, no período de férias do curso. Fiz sozinha, pensando neles, sem a participação deles. Escrevi uma abertura que seria feita por um dos alunos, nessa abertura tinha uma explicação de tudo que fizemos ao longo do curso como as produções surgiram, como as aulas – oficinas se organizavam. Escolhi algumas músicas que dariam sequência na exposição e quem seriam os curadores e o que deveriam falar de cada produção. Peço que eles comecem o ensaio seguindo o roteiro que foi passado e combinado em encontros anteriores, só que nada acontece. Eles permanecem sentados, desanimados. Coloco a música para eles cantarem, mas não cantam e apenas se olham enquanto faço a leitura do roteiro. Não compreendo o que acontece nesse momento, nisso sou ajudada por uma aluna que se coloca diante de todos e diz que diferente de tudo que foi feito até ali, esse roteiro não era deles, não imaginavam assim e ela propõe que a construção seja feita em sala naquele momento e que do roteiro criado por mim seja utilizado apenas as partes que todos estiverem de acordo, todos concordam e começam.

Uma outra aluna levanta, vai a frente com um grupo de colegas e faz a leitura em voz alta do roteiro feito por mim e eles resolvem descartar, querem que tenha mais o jeito deles, querem que apareça na exposição a maneira como as aulas - oficinas foram se fazendo. Começam a dizer como devem fazer o que cada um pode falar e eles ocupam pequenos grupos. Em seguida fazem votações para definir quem irá fazer a abertura, o que podem falar de cada atividade que ficará exposta e assim seguem até quase o final da aula. Enquanto observo o movimento deles vou me envolvendo em alguns grupos ouvindo o que eles têm a dizer, suas ideias e vamos separando o material que precisamos para esta data. Neste momento sinto que estamos muito próximos, sinto que estamos todos envolvidos. Quando eles assumem a organização, quando eu deixo

arejar, eles constroem o que desejam e no formato que desejam a partir da experiência concreta, do que foi vivido nestes meses de curso.

É notório o envolvimento deles, é nítido o quanto estão diferentes, empoderados, confiantes, tomando decisões e colocando suas opiniões. Lembro neste momento em que escrevo dos primeiros encontros e de como era mais difícil faze-los decidir algo, mesmo coisas que podem parecer mais simples, como a escolha de materiais. Hoje já podem mais, conseguem ir além do que receber ordem de comando. Pensam e agem com base em decisões tomadas em conjunto com argumentações e ponderações. Com isso deixam para trás uma imobilização típica dos processos de escolarização e entram no movimento que uma aprendizagem requer. Aprender aqui tem o sentido de busca, de estar em contato com a coisa que se aprende enquanto uma aprendizagem dura em cada um. Ali tudo seguia em aprendizagens.

Quando silenciei, dando abertura para as primeiras discussões, estava abrindo espaço para tantas descobertas, para tantas produções. Fui aos poucos percebendo a disposição dos alunos e assim o que importa hoje é o funcionamento dos nossos encontros.

Oficina

Mais um dia para estar com os adolescentes, mas hoje é um dia diferente, não são os adolescentes da pesquisa é um outro grupo, da mesma instituição, mas um outro curso que também leciono. Mas como você já leu por aqui, ou ainda vai ler, a vida é a pesquisa, então onde estou a pesquisa está comigo. Vou para a aula com tudo pronto, tenho slides e um tema que desejo abordar. E assim sigo para mais um dia de aula. Durante o caminho reflito sobre uma conversa com a Ana Godoy[12], com quem faço um acompanhamento de escrita, onde ela disse que "*a oficina é uma atitude e não um formato*", pensei por alguns instantes nessa fala e ainda com dúvidas sobre a afirmação sigo para a aula. Para minha surpresa, essa afirmação ganha força neste dia, pois

[12] Doutora em Ciências Sociais pela PUCSP (área de concentração Ciência Política), mestre em Ciências Sociais pela PUCSP (área de concentração Antropologia), realizou seus estudos de pós-doutorado na Faculdade de Educação da UNICAMP, vinculada a linha Filosofia da Diferença (2008-2009).

comecei a aula e minha proposta foi tomando um outro direcionamento e fomos criando coisas diferentes, um mundo de possibilidades parecia ser construído ali diante de mim naquele momento. Conversamos sobre o que poderíamos fazer com o tema sugerido para a aula e eles começaram a se manifestar e uns desejavam pesquisar e fazer um teatro, outros preferiam buscar um vídeo, outros ainda produzir um vídeo sobre o tema e vamos nos dividindo em pequenos grupos e seguimos trabalhando assim por três horas.

A vitalidade daqueles jovens, suas falas, um encontro bom, um encontro de criação, ali, naquela sala de aula era a vida acontecendo. Trocamos experiências, vidas vividas, dores, saberes, erros. Um encontro potente; era possível sentir nossa potência aumentando e seguimos para este lugar que criamos.

O encontro vai se fazendo com nossas trocas, algumas ideias que havia levado nem foram utilizadas, e na verdade, o mais interessante foi perceber que criamos algo muito melhor do que o que estava planejado. O que fizemos juntos naquele momento era muito intenso e vivo. A oficina estava em mim, a oficina estava em nós.

A partir desse momento percebia que a oficina é além de outras coisas a maneira como eu vivo nesse espaço da sala de aula. Eu a pratico e ela segue comigo. Não preciso dizer que estou fazendo uma oficina, as coisas vão acontecendo. Sinto que havia um encontro que aumentava as potências de todos os envolvidos, como um entrar em contato com, algo com muita vitalidade e quem sabe essa vitalidade e potência tenha se dado pela paixão que me move, a paixão por dar aulas, por estar com eles, pelo oficio de oficineira e de criar e como nos diz Ribeiro (2017) tudo que nos afeta, que nos passa que nos movimenta são um modo de fazer-se oficineiro. Essa é minha maneira de trabalhar, não a melhor, não a certa, mas a maneira que achei para conseguir uma alguma liberdade dentro das imposições das instituições escolares, dentro de regras e planos e planejamentos.

Só agora a noção que Corrêa (2006) propõe de ‘oficina – novos territórios em educação’ – fica explícita, e salta aos meus olhos. Compreendo que uma noção também leva tempo para acontecer no pesquisador e na pesquisa. Também me dou conta que uma pesquisa é, de fato, um momento que temos de preencher algo do que estudamos e colocamos em prática. A noção de oficina sobre a qual Corrêa insiste, e que Preve retoma e os demais pesquisadores do grupo apostam, vai aqui criando sua consistência.

É uma noção potente. Encontro assim uma forma de criar com eles e de juntos estarmos nesse encontro potente.

Cartas

Nossas oficinas começaram há alguns meses, mas consigo lembrar bem que o que deu início a tudo isso foram as cartas que eles escreveram para mim contando um pouco sobre suas vidas; antes mesmo das pedras, das almofadas, dos poemas, escreveram cartas e li cada uma com atenção e cuidado e agora estamos aqui e é hora de finalizar o curso e por isso conversamos para saber qual seria a melhor forma de deixar esse lugar e que ele continue sendo especial para nós. Conversamos e decidimos que iríamos finalizar do jeito que começamos e agora é hora de nos despedirmos desse lugar. Durante este período, tivemos encontros semanais e fizemos muitas coisas, escrevemos cartas, colocamos uma palavra que expressava um sentimento em pedras, costuramos almofadas, fizemos algumas pinturas, cantamos e tudo sempre de forma muito intensa. Como deixar para trás o que gostamos? Esse desafio foi colocado aos habitantes de Linhares. Sentaram e deram início à escrita das cartas de despedida desse nosso espaço. Aos poucos, notei que alguns escreviam e choravam, outros estavam imersos num silêncio. Claro que temos em Linhares também alguns habitantes que só querem mesmo é terminar a atividade proposta. Mas posso dizer que uma grande maioria se emociona, o semblante é triste porque está quase na hora de ir. Deixar o lugar levando o lugar em nós e a possibilidade de inventá-lo em qualquer tempo.

Enquanto conversávamos, perguntavam: como vamos dizer adeus? Precisamos colocar um ponto final? Não soube responder a estas perguntas, disse que iríamos nos despedir de Linhares com a leveza que Linhares nos proporcionou durante os meses em que ali estivemos; também escrevo minha carta:

Queridos habitantes de Linhares, meus amigos, alunos, cúmplices, confidentes, foram tantas coisas vividas que não sei por onde começar. Posso dizer que mais aprendi que ensinei, fui feliz, chorei. Todos os dias, na hora de vir para cá nem lembrava do calor, da distância, do cansaço, mas era tomada por uma ansiedade de estar com vocês. Claro, que eu sabia que esse dia chegaria, já estava marcado em um cronograma na parede antes mesmo do nosso primeiro encontro. Falando em primeiro encontro, lembro do nosso primeiro dia juntos. Vocês lembram? Carinhas de assustados, silenciosos, não respondiam as perguntas, pouco se movimentavam. Na sala já estava nosso violão e já tínhamos uma cantora, mas nada acontecia e aos poucos tudo foi mudando, como uma mágica, vocês foram se movimentando dentro do que desejavam, vocês saíram da zona de conforto para produzir, cantar, dançar, se expressar! Cada dia uma alegria! Mas claro que nem tudo são flores em Linhares e teve dias que foram

tristes, que a liberdade dada em nosso espaço não era compreendida por alguns e o silêncio era quebrado com palavras de ordem, de controle, que eram necessárias para que todos pudessem continuar com suas atividades. Mas tudo é aprendizado e tenho certeza que vocês também aprenderam muito. Aprenderam, aprendi e agora é preciso deixar esse lugar. Fiquei por alguns minutos olhando a sala que já estava se desfazendo. O mapa não estava mais lá, as almofadas foram ganhando um outro destino, tudo ia se esvaziando. Olhar as paredes brancas foi me deixando angustiada porque eu sentia que tinha tanto a fazer ainda. Esperava que alguém dissesse que poderíamos ficar mais um tempo por ali. Mas não aconteceu. Então é hora de ir. Aqui quero me despedir e dizer que o meu coração vou deixar, não liguem quando a lágrima rolar e a voz embargar porque saudades demais vou sentir e talvez entre ficar e partir tenha dificuldades com verbos terminados em ir.

Depois das leituras das cartas, conversamos um pouco para pensarmos juntos o que deveríamos fazer com essas cartas e decidimos que elas deveriam ir. Ir de forma física mesmo, voando, leves, e decidimos fazer pipas. Primeiro procuramos os materiais necessários para fazer uma pipa, tínhamos algumas coisas, papel crepom, cola, palitos de churrasco e fio. Um aluno que sabe fazer nos explica como deve ser feita. Começamos a produção e, com elas prontas, descemos até o pátio e começamos a empiná-las. Umas voam alto, outras não saem do chão. Algumas rasgaram. Mas todas, todas as cartas se transformaram em pipas. Toda a escrita da relação e afeto por Linhares tenta voar e as cartas servem às pipas. Talvez o mesmo tenha acontecido com a gente.

Nossas pipas

Como é difícil deixar ir, sair de algo bom. Na verdade, como é difícil sair de algo. Quando transformamos nossas cartas em pipas, fiquei pensando na importância daquilo que estávamos fazendo. Uma carta escrita, palavras no ar, pensamentos, uma despedida.

As pipas foram feitas sem muita técnica, com o material que tínhamos em sala. Talvez pela falta de material adequado ou de técnica, a maioria das pipas não subiu. Algumas até chegavam a subir um pouco, mas logo caiam. Foram várias tentativas de construção de pipas e de fazê-las subir. Cortar o papel de seda, o crepom, a folha, amarrar os palitinhos, fazer a rabiola, colocar o fio de nylon, o barbante, correr e puxar, correr e tentar fazer subir. Tem vento, e poucas sobem, mas logo caem. Falta algo, elas voam baixo; de longe ouço dizerem que as pipas não querem ir, que desejam ficar ali

com a gente, em Linhares. Até que alguém, vendo um vídeo em um canal da internet entende melhor a forma de fazer e vai à procura dos materiais que precisamos. Nesse momento, todos fazem um movimento para tentar encontrar os materiais necessários. Nossas vizinhas de salas, que trabalham com artesanato para o clube de mães, conseguem nos ajudar com papel de seda e palitinhos de churrasco, e assim conseguimos fazer uma pipa com um pouco mais de técnica e ela subiu. Ficamos olhando o quão longe ela podia ir e levar tudo com ela. Sentamos no chão e conversamos sobre os nossos encontros, sobre tudo que fizemos, as dificuldades, as risadas, o que fica e o que vai, o que deu certo e o que deu errado, assim como as pipas.

Durante o período do curso, nossos encontros se fizeram de forma diferente e fomos nos afetando uns com os outros, e juntos formamos um corpo de grupo. As leituras que venho fazendo me levam olhar para esses encontros como algo diferente, criado por nós com aquilo que nos afeta, e fomos nos tornando mais potentes a cada encontro.

A pipa continuou subindo enquanto conversamos, mas, em uma das puxadas no fio, o papel de seda se rasgou e ela começou a cair. Ficamos ali olhando; ela caiu no chão e as palavras escritas nela estavam rasgadas, ela já era outra. Nós também já éramos outros naquele momento. Um dos alunos, sentado mais distante de mim, diz que tem "*medo de ir pro mundo e ver que posso ser rasgado como aquela pipa*". Decido pegar a pipa e vamos para sala. Pouco falamos, apenas olhamos a pipa rasgada, sentimos o calor da sala naquele dia de verão. Fico imersa em meus pensamentos sobre o que será dali para frente, e quebro o silêncio relembrando um pouco das nossas produções, as músicas, as risadas. É importante não esquecer que encontros bons e que convêm aumentam a potência do nosso corpo (SAFATLE, 2018), e sinto que foi isso que experimentamos. Sair agora, deixar o que vivemos em Linhares, parecia que de certa forma poderia nos tirar a potência. Mas não. Primeiro porque Linhares não é o espaço daquela sala, Linhares vai com a gente, nos mudou, e agora, nesse corpo de grupo, seguimos levando Linhares e fazendo outros encontros, com outras pessoas e ampliando nossa potência. Nossa potência define nossa natureza, nossos desejos. É isso que fomos resgatando ao longo desse tempo juntos. Deixamos de ser comandados por inscrições, rótulos, e passamos a buscar um conhecimento ativado por afetos.

O que é Linhares?

Estava relendo alguns textos escritos durante essa pesquisa e me perguntei: o que é essa coisa chamada Linhares? Uma sala de aula, um “mapa” na parede feito por meio de um jogo, depois um modo de viver. Pensei, relembrei os momentos lá vividos e tentei achar uma reposta, mas eu não a tinha. Então resolvi tentar compreender por onde passou essa coisa chama Linhares e para isso marquei um novo encontro com os habitantes/criadores de Linhares usando um aplicativo de mensagens. Entrei em contato com todos propondo que nos reuníssemos em uma quinta-feira à tarde, para fazer um lanche e conversar. Ainda precisava definir o local, mas já estava conversando com eles sobre as possibilidades de datas e tudo o mais que um encontro requer.

Passados alguns dias, conversamos novamente e contei que não nos encontraríamos em Linhares, considerando que Linhares poderia ser nossa antiga sala de aula, vamos nos encontrar em um espaço cedido pela igreja matriz, que fica bem no centro da cidade. Pronto, tudo marcado, temos uma data, um local e uma lista de coisas que queremos levar.

Neste momento, ainda não sei dizer o que é Linhares, mas sei dizer o que voltará com a gente. Entre refrigerantes, salgadinhos, chocolate, que são sugeridos por mensagens, levaremos nosso violão e materiais aleatórios também sugeridos. Então, pego uma caixa onde separo tecidos, tesouras, cola quente, botões, não sigo uma regra, não penso em nada, apenas vou pegando e colocando coisas.

A angústia da espera faz os dias passarem devagar. Eu tenho um desejo grande de reencontrá-los, e, ao mesmo tempo, uma certa curiosidade sobre o que faremos nesse local, por quanto tempo ficaremos ali, se teremos a mesma sintonia dos outros encontros. Dúvidas e mais dúvidas me inquietavam na espera desse momento. O que podem eles agora nesse encontro em que nada se faz necessário? Não temos uma aula, não temos um currículo, não temos competências a desenvolver, nem uma empresa para administrar e fazer dar lucro. Temos apenas um encontro, e não quero esperar nada dele, mas me pego esperando. Quero apenas esperar o encontro, deixar vir. Por alguns momentos quis preparar uma história para contar, achei que seria legal levar folhas, mas

tirei tudo! Não quero, não vou levar intenções, aliás, a caixa não irá, ela está cheia de intenções.

Faltam dois dias, minha cabeça está a mil por hora, tento desligar e ficar apenas com o que senti em Linhares, com a alegria dos nossos encontros.

Um outro começo

Hora do nosso encontro. Partir para Linhares e descobrir que lugar é esse e qual sua potência em nós. Sou a primeira a chegar e pego a chave com a proprietária do espaço, e lá estou eu no lugar onde se fez Linhares. Entro, paro e olho. Sento na primeira cadeira que encontro e vejo apenas uma sala de aula com carteiras enfileiradas, um quadro, um relógio na parede marcando um horário aleatório, um horário parado.

Coloco uma toalha em uma das mesas e vou distribuindo cuidadosamente os petiscos que trouxe para nossa tarde e, ao lado da mesa, coloco nosso violão. Não sei quanto tempo demorou, mas logo em seguida começaram a chegar. Chegaram rindo e sem qualquer comando fizeram uma roda, bem próximos da mesa. Já são quase dez habitantes de Linhares e não há espera, há encontro dos que ali estão. Rimos muito, relembramos vários momentos vividos. Por alguns segundos, algo de professora em mim me faz pensar se devemos produzir algo, fazer algo nesse espaço que sempre foi de criação. Quase interrompi a conversa para perguntar se gostariam de fazer algo, mas não o fiz, fiquei em silêncio observando o que já se fazia. E, logo estava imersa na conversa que corria leve e solta e nas risadas que saíam alto. E percebo que eles já faziam algo, ali era o estar juntos, o encontro. As bocas cheias de bolo e salgadinho falavam e riam, e sem planos seguimos conversando e rindo. Um deles, o nosso violeiro favorito, pegou o violão e começamos a cantar, cantamos mal e rimos muito disso também. Um grupo se juntou para jogar cartas, mas continuou cantando e rindo.

Fiquei em silêncio em vários momentos, ouvindo as conversas, as lembranças, e sentindo uma intensidade nesse lugar, nesse espaço que criamos, nos nossos encontros, não somente neste, mas em todos os que tivemos, algo aconteceu. Criamos uma abertura, algo que a partir de agora posso chamar de uma linha de fuga no trabalho institucional destinado a eles.

As horas foram passando e precisávamos ir e saímos como quem vai voltar, sem despedidas formais, mas como um até logo. Entrei no carro, ajeitei as coisas no banco do carona e fui. No caminho, pensei sobre esse espaço. “Que lugar é esse? Nada foi produzido hoje, minha caixa de intenções ficou em casa, nada foi levado, mas tanto foi feito.” As risadas, as falas, as lembranças seguem comigo e se tenho resposta para a pergunta sobre o que é Linhares, talvez tenha, talvez não, mas sinto que Linhares é um lugar cheio de possibilidades, um espaço de liberdade, a possibilidade de estar juntos e rir, de ser e fazer o que quiser. Mas é um lugar que se cria e que não está pronto, ele depende de um movimento em educação, de uma decisão de fazer educação assim e não de outro modo. Depende, fundamentalmente, da decisão do oficineiro por deixar uma Linhares acontecer e seguir as linhas de Linhares, seguir o que acontece. Que pode ser inventado em qualquer lugar e a qualquer tempo. Isso fica para a vida. Linhares é a possibilidade de ser, de ter confiança em si. Um lugar onde alguém acredita neles; onde uma pesquisadora também acredita neles e acredita na potência dos encontros e dos fazeres juntos. Onde uma pesquisadora acredita nela mesma como educadora e pesquisadora de uma outra educação. Uma educação que quer o corpo e o pensamento mais livres, menos imobilizado pelos processos de escolarização, como fala Corrêa.

3 COMPOSIÇÃO

Linhares em qualquer lugar

Os encontros acabaram, mas ainda sinto Linhares pulsando, viva. Olhando as fotos, me pergunto o que Linhares segue sendo. Seleciono algumas e, como em uma colcha de retalhos, componho com elas, e Linhares se faz outra nos espaços que ocupa.

Sob o olhar atento de uma criança, cuja sensibilidade é imensa e tem esse outro modo de olhar, seguimos pelo sítio da Tia Bel[13] espalhando Linhares e buscando novas composições.

Linhares está por todos os lugares, e faço com Linhares o que Linhares fez comigo: mudo, transformo, movimento.

É Pedro, meu filho, quem faz as fotos e transforma Linhares ainda mais. Ele segue na frente explorando os espaços e vendo luz, paisagem, e assim passamos horas caminhando e espalhando Linhares. O olhar de criança do Pedro inaugura um espaço e faz algo novo. Ele vê potência em lugares onde eu ainda não tinha visto, e tudo pode compor: antenas, árvores, painéis, escada.

Olhando para as fotos que estão sendo feitas, fica claro que Linhares não é o espaço que habito, mas uma forma de habitar o espaço, e por algumas horas, ali naquele sítio, fizemos a nossa Linhares.

Durante as composições, vejo que ela aparece, some, se perde, vira outra. E o que mais importa agora é deixar o desejo ver, se permitir afetar. Por isso Linhares não precisa de legenda, não há o que explicar, apenas experimentar. Ela está ali, é só deixar-se afetar. Agora Linhares é com o outro. Linhares é encontro.

[13] Tia Bel é o apelido carinhoso que chamamos a tia do meu namorado. Ela se chama Maria Isabel Pereira Gonçalves mestre em história, professora aposentada, mora em um sitio em Bauru – SP e nele seguimos para compor com as fotos. Ela nos deu dicas e mostrando os lugares mais escondidos do sitio.

CHORA AGORA
RI DEPOIS

NOSSOS
MOMENTOS...

FAZENDO AMIGOS
TRANSFORMANDO
VIDAS!

Solidão é estar em uma multidão e se sentir sozinho
Saudade é presença da ausência ou ausência da presença
É bom morar em Lintaos, porque tem amigos o não gente

Amor é quando
você divide
suas batatinhas
Raiva
Alegria
Amo meu
AE
MÚSICA
desejada

AMO PORQUE
EU ME SINTO
TÃO
SOZINHA?
EU ESTOU SEMPRE
CERCADA DE
PESSOAS QUE
AMAM

GRATIDÃO
E A
MEMÓRIA

A VIDA E
PASSAGEIRA M
ETE
Setores do trabalho
Marketing
Organização geral
Música e Dança
Gerência de projeto

NÃO ME
SOLIDÃO SEM ANTES
ME OFERECER A
VERDADEIRA
ACOMPANHIA

4 FINS SÃO COMEÇOS E COMEÇOS SÃO SEMPRE UM FIM NELES MESMOS

Linhares em outros lugares

As aulas já finalizaram, o curso já acabou. Linhares segue de algum modo em nós. Já foi feito um reencontro e ainda continuamos unidos em um grupo de uma rede social. Alguns já saíram, outros permanecem, mas não respondem, outros estão ali sempre presentes. Percebi que estar nesse grupo parecia ser uma negação de que as aulas–oficinas acabaram, de que o curso havia finalizado e que não estaria mais com eles. Parecia que nos mantermos ali, em um grupo de um aplicativo, mesmo que poucos, quase sem nos falarmos, iria garantir um possível retorno, evitar o fim do que foi bom e nos movimentou tanto.

Com essa partida, esse fim (agora sim o fim) começo a pensar novas possibilidades de fazer as oficinas. Quem sabe posso ir para um ambiente onde não haja um currículo, (e se tiver curriculo, qual o problema? Tudo isso se deu sob um currículo bastante prescritivo. Um currículo não é uma prisão, é so um curriculo e que a gente não esqueça disso porque muita coisa pode se dar sob e sobre um currículo.) onde os que participam estejam ali porque desejam estar. Quem sabe se faça uma nova história, ou história nenhuma. Um frio leve na barriga me faz seguir com estas ideias. Agora sigo com Linhares e tudo que vivi lá dentro de mim, levo os movimentos que fiz durante esses encontros, levo os sorrisos, as brigas, a dureza das cartas e a leveza das pipas. Deixo tudo comigo e sigo para um outro lugar e não quero criar expectativa sobre ele, sobre os encontros e sobre o que faremos. Apenas vou: um pouco mais solta, um pouco mais leve, com menos material e acreditando que o que irá fazer algo é o encontro, o fazer juntos. Não cabe mais a mim o excesso, o carregar dezenas de materiais, de partir repleta de coisas. Apenas vou, vou aberta para novos encontros.

Ocupo muito de mim com o meu desconhecer [...]

(Manoel de Barros)

Hora de dar linha na pipa

Hoje acordei pensando sobre as despedidas, sobre o deixar ir, abrir mão, e me lembrei das pipas que soltamos em nosso último dia em Linhares. Uma despedida leve, alegre, que nos fez sorrir. E cada dia mais consigo perceber a importância de deixar ir certas coisas para que outras possam chegar. Agora consigo ver o que antes não era possível: a necessidade de seguir e continuar. Esta pesquisa não para aqui, apenas muda de rumo, pois, assim como as pipas seguem os ventos, sigo agora outros ventos que sopram por este trabalho.

Reflito sobre os momentos das oficinas onde precisei baixar a expectativa, assumir uma espécie de não saber para deixar entrar o que estava chegando. Baixar as expectativas para que mais coisas passassem e assim ir desfazendo em mim uma mera professora, aquela que opera e não deixa acontecer, mas ir conduzindo estando presente no grupo, uma condução da implicação, não daquele que fica do lado de fora. Seguimos por vários meses no mesmo barco, remando juntos: “Remar juntos é partilhar, partilhar alguma coisa, fora de qualquer lei, de qualquer contrato, de qualquer instituição. Uma deriva, um movimento de deriva [...]”. (DELEUZE, 1985, p. 60).

Leva tempo para saber que condução é essa, o grupo que vai dando as medidas e, nesse território, as coisas vão se movendo e nos encontros fomos praticando uma troca. E aos poucos vou vendo se desfazer a professora, aquela da expectativa, que produz ansiedade, e assim me debruço e me entrego ao que tenho comigo. Nesse caminho, venho me desfazendo e os alunos também seguiram esse movimento, tornando-se cada vez mais ativos (mais móveis, desfazendo a imobilidade corporal dos esquemas escolares) nas oficinas, sendo seus cocriadores. Levou tempo para que tudo isso acontecesse, em mim e neles, e, olhando para traz, reflito sobre o tempo que leva para uma pesquisa começar e sinto que agora estou pronta para seguir com mais oficinas, sem palavras de ordem de uma professora em uma sala de aula, mas na condução, dando linha e não puxando para evitar que a pipa suba e se perca no céu. Sou, agora, talvez, e ainda preciso me inventar outra, a menina que segura a linha, que a enrola, e que lhes dá embalo para que subam, para que sejam elas, sejam leves, que voem, e quando acabar a linha, poderão seguir sozinhas, fazendo seus próprios caminhos. E eu? Tratarei de fazer novas pipas.

Primeiro era depois

Quando a gente inicia um estudo vem com ele uma série de expectativas e de encontros: o que será aprendido? se mudarei um jeito de pensar; e, de fazer algo; vem cheiro do livro da biblioteca, do livro novo, do cabelo do colega que senta ao lado. Tudo isso é movimento e nos transforma. O mestrado fez esse movimento em mim e já na primeira disciplina como aluna especial vieram as primeiras indicações de leituras, as primeiras trocas com autores que eram até então desconhecidos na minha caminhada. A professora Ana Preve, hoje minha orientadora, pediu que a gente fizesse a leitura de um livro do Guilherme Corrêa, *Educação, comunicação, anarquia*, li, mas diretamente não usei, apenas li, nem tenho tanta certeza que o compreendi. O Guilherme veio conversar com a gente, passou uma tarde falando sobre educação e oficinas com base nesse livro. Voltei ao livro e, já o compreendia um pouco mais, e segui com outras indicações. Em meu primeiro acompanhamento de escrita com a Ana Godoy, ela sugeriu que eu lesse um texto sobre vulnerabilidade corajosa escrito por Rosa Slegers; li, mas do que estava ali não sabia bem o que fazer, e deixei.

Sigo lendo, a professora provoca, fala de comunicação e traz conceitos de Deleuze. Mas como? Não seriam conceitos de Jakobson? De Morin? Como assim?

Ela segue me revirando e sigo revirada mesmo. Uma leitura após a outra e embarco em uma disciplina com o nome de “A nau incendiária da ficção” com o professor Leandro Belinasso. Pronto! Poemas, contos, trocas. Muitas vezes sai das aulas com a lembrança do sorriso maroto do professor na certeza de que havia confundido a todos e que de alguma forma havia nos provocado um novo olhar para algo.

O tempo foi passando, as aulas acontecendo e começaram as oficinas. E lá, trabalhando, realizando as oficinas, vou me dando conta de algumas coisas que havia lido e volto nelas. O Guilherme Corrêa já tinha dito, no livro que li, sobre as oficinas, as possibilidades de criação quando temos em comum uma questão que nos aproxima. Estava lá no texto sobre vulnerabilidade corajosa da Rosa Slegers que seria bom se fôssemos um pouco vulneráveis. Volto em *Conversações (2017)* de Deleuze e vejo os conceitos de comunicação sobre os quais a Ana Preve havia nos falado que é de uma

não comunicação. E os poemas de Manoel de Barros, Kazuo Ohno que o Leandro apresentou em aula não ficam para traz, consigo olhar e trabalhar com eles. O texto “Drogas para além do bem e do mal”, também do Guilherme Corrêa, onde ele afina o que compreendemos por slogans. Vejo os slogans que seguem comigo: ainda repetia palavras de comando, mesmo em uma caminhada para desmanchar. Essa pesquisa buscará agora, a partir daqui seguir e desmanchar algumas ideias, alguns slogans que estão em mim, em nós. As leituras já têm outro sentido e as vejo de um modo diferente; chegaram primeiro, mas vieram depois.

A vulnerabilidade agora se mostra diferente. Quem eram mesmo os vulneráveis? Olhando para o que vivemos nas oficinas, juntando com essas leituras, vejo como minhas referências indiretas foram aparecendo e como tive dificuldade de compreensão em alguns momentos. Afinal, estava mais familiarizada com outras versões de vulnerabilidade, de encontros, de um fazer em sala de aula. Muita coisa vai se desmanchando, como os slogans que vemos nos vulneráveis, as suas fragilidades. Quem sabe arriscaria dizer que não são mais adolescentes em situação de vulnerabilidade e sim em situação de Linhares que abriram espaço e vou olhando para isso usando as ferramentas que os textos me fornecem. Porque quando eu, pesquisadora, chego nisso, para olhar esses processos educacionais a que estamos acostumados, a vulnerabilidade e a comunicação de que falamos até então preciso aumentar a lente do que faço, dar um zoom para chegar mais perto.

O que fiz pós-qualificação, foi seguir me aprofundando nessas leituras, nesses conceitos, na intenção de me debruçar, dar um zoom na vulnerabilidade e prestar atenção nos encontros. Buscar, quem sabe, as potências afirmativas que as situações de da vulnerabilidade portam.

Com a produção de um trabalho que segue a cartografia, só agora eu chego nesse modo de agir, porque leva tempo para as coisas se desfazerem em nós e o que era primeiro era depois.

Recomeçar

A pesquisa vai chegando ao fim, mas Linhares não, ou talvez esteja só começando, só que de outra forma. Ela persiste e segue comigo na sala de aula. Tenho buscado criar outras Linhares, outros espaços de expressão, de voz e vez. Nem sempre consigo trabalhar as competências encaixando este jeito de ouvir o aluno, nem sempre eles estão preparados para lidar com essa maneira de aula.

Vários são os momentos em que o gatilho para começar uma outra Linhares é o elemento de competência que tenho que trabalhar em sala de aula em uma das unidades curriculares que leciono, como “postura profissional e pessoal no ambiente de trabalho”. Começamos a trabalhar esse elemento falando sobre “quem sou” e isso desencadeia uma carta, e de dentro delas uma palavra é escolhida e vai para uma pedra, e, a partir daí, conversamos sobre como transformar essa pedra em algo mais leve, e disso partimos para um ouvir mais, dar voz e compreender o outro. E nas tentativas de trabalhar desse outro modo, vejo o grupo se modificando, se tornando mais autônomo, e eu com eles. Mas nem sempre as coisas são do mesmo jeito e, em outras tentativas de trabalhar dessa mesma forma, as cartas pouco dizem, as pedras ficam nas pedras, os alunos ainda querem ser apenas alunos, preferem permanecer imobilizados atrás da carteira. Não é fácil quebrar padrões e demora muito tempo para deixar de ser algo. Mas não desisto, e sigo com as tentativas, porque acredito nessa possibilidade de aprender por uma afetação, deixar o desejo agir, ser afetado pelo que pode ser criado.

Viver essa Linhares tem feito minhas aulas diferentes, mas leves e prazerosas. Não é necessário pedir silêncio. O barulho, para mim, é indicativo de produção, de troca, de outra coisa a ser feita.

O que aprendi em Linhares é que quando me permito afetar pelas coisas da vida posso criar algo novo. Que não preciso de predicados para me identificar, que cada um pode criar seus próprios predicados. Ser vulnerável e me abrir para algo em qualquer realidade.

A oportunidade de criação transforma pedras em pipas, e assim sigo com vôos por várias salas, vários lugares, acreditando que é preciso ser vulneravelmente corajosos para criar nosso espaço e nosso modo de aprender.

Um pouco de talvez

Durante a pesquisa, algumas coisas, alguns termos, slogans começaram a me movimentar e fazer pensar. Relendo os textos que escrevi, vejo que algumas ideias surgem sobre o caminho a seguir nessa pesquisa.

A comunicação vem aparecendo de várias formas, em vários momentos, e percebo que talvez algo sobre comunicação que eu havia dito nas primeiras oficinas, ou mesmo antes delas, começa a se desmanchar em mim. Não tenho a certeza no que este desmanche vai se transformar, mas é um outro pensar agora. Os conceitos de uma comunicação com seus universais parecem não colar mais no que foi vivido nas oficinas. E aos poucos vou me identificando com a fala de Deleuze (2017, p. 221):

> Talvez a fala, a comunicação, estejam, apodrecidas. Estão inteiramente penetradas pelo dinheiro: não por acidente, mas por natureza. É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de se comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não – comunicação, interruptores, para escapar do controle.

Durante as oficinas, em alguns momentos, criamos uma forma diferente de encontro, ainda não tenho certeza. Talvez encontros que faziam escapar do controle sobre o que era dito. Palavras rotas e de ordem.

O que seguiu me perturbando também durante esta pesquisa foi a noção de vulnerabilidade. Desde o início da pesquisa, foi me passado pela coordenação da instituição onde leciono que trabalharia com adolescentes em situação de vulnerabilidade social. As leituras que fiz sobre vulnerabilidade mencionavam sempre situações de fragilidade, sobre as impossibilidades deles de serem capazes de se sustentarem. Por isso, mesmo durante a pesquisa, busquei outros conceitos, mas que ainda estão frágeis em mim. Conceitos em situação de vulnerabilidade em mim.

Quando voltei ao texto de Rose Slegers[14] sobre vulnerabilidade corajosa vejo que estes vulneráveis têm uma força, que poderia extrair deles mais do que estava sendo dito. Eu extraio algo deles e eles algo de mim. Mas todos temos um slogan, os meninos e as meninas da oficina também têm os deles, o que é dito sobre eles está grudado neles

[14] Rosa Slegers é membro do corpo docente do Departamento de Artes e Humanidades do Babson College, em Massachusetts, EUA. É autora do livro *Courageous Vulnerability* (2011).

e parece difícil extraí-los. Preciso extrair esses slogans de mim para enxergá-los mais . Assim como num ensaio de Guilherme Corrêa sobre a identidade do drogado:

> A identidade de *drogado* é uma das barreiras mais fortes que se coloca entre os profissionais das áreas da saúde, da educação ou da justiça e pessoas que fazem uso de substâncias ilegais. É muito raro um desses profissionais ultrapassar tal barreira e ver, para além da ameaça representada pela figura plana e sem espessura do drogado, alguém se movendo. Alguém com sonhos, vontades, tristezas, experiências, preferências, limites próprios de suportabilidade, amor, desafetos. (CORRÊA, 2009, p. 1).[15]

Assim como os 'drogados' são os ditos em situação de vulnerabilidade, algo é dito e como um rótulo os acompanha, como se não pudessem ir além disso, ou talvez não seja um caso de poder e sim de ter condições de ir. Pude ver nas oficinas que eles são capazes de tantas coisas. Uma abertura para o novo, para o desafio, para o desconhecido. Eles não se valem de seus rótulos para nada. Não existia uma desculpa para que algo não pudesse ser feito porque são vulneráveis, são 'tadinhos', coitadinhos.

Esses conceitos não estão fechados, são ideias, são um pouco de talvez que começo a buscar nessa caminhada de pesquisadora. Agora é hora de me debruçar sobre essas ideias que surgiram, de olhar para eles e ver o que podem além do que já está dito. Existe um feito comigo, o feito das oficinas, os feitos dos vulneráveis nesse trabalho. Um crescer de vulnerabilidade em mim enquanto a pesquisa vai ganhando uma forma e um caminho, uma abertura ao novo em mim. Vou chegando perto dessa noção e digo que há uma vulnerabilidade no que apresento aqui. Isso tudo poderia ser dito de outra forma. Poderia dizer que, neste trabalho, não lido com certezas, com verdades absolutas, com uma ideia de certo e de errado, mas tudo pode ser acolhido por um termo que começa o trabalho com uma conotação e, aos poucos, vai se afastando dela para chegar numa noção de vulnerabilidade das ideias, das oficinas, do pesquisador. Se Corrêa (2006) fala na desmaterialização da oficina, falo também e com ele de uma certa possibilidade de vulnerabilidade que está para este trabalho. Nele, não há garantias de que vamos vencer isso, antes há a possibilidade de estar em compasso com ela. Como se estivéssemos de mãos dadas. Vejo aí uma pista, ou uma linha importante para seguir na

---

[15] Palestra proferida no dia 20/11/2009 no Seminário Estadual "Outras palavras... diferentes olhares sobre o cuidado de pessoas que usam drogas" promovido pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul.

próxima etapa. Se não for assim, não vejo sentido em seguir percorrendo essa noção. Trata-se então de se experimentar com a vulnerabilidade, percorrendo tudo aqui em estado de vulnerabilidade.

Nesse momento, é hora de parar e dar zoom para tudo que foi vivido, sentido, modificado em nós e misturar com as noções extraídas de Gilles Deleuze, de Guilherme Corrêa, Ana Preve, Ana Godoy, Sueli Rolnik, Vladimir Safatle. Mas já tenho os primeiros movimentos, os primeiros conceitos. Já consigo ver algo desmanchando, mas ainda preciso de mais leituras, mais zoom para que algo seja construído. O trabalho me leva a pegar textos já lidos, voltar neles e buscar coisas que vivenciei e estavam, de alguma forma, ditas.

A composição desse atlas vai se fazendo de outro modo, deste que aprendi, a partir de outro olhar sobre tudo que foi dito e vivido, seguindo na tentativa de reconfigurar a ordem das coisas, desorientar e, nessa desorientação, extrair forças para sair em busca de novas matérias de expressão. Talvez.

Permitir experimentar

Durante as férias, conheci uma pessoa muito bacana (conheci várias, mas esta foi especial), a Laura[16]. Logo que nos conhecemos, começamos a conversar sobre música, sobre educação, sobre ensinar, e não demorou muito para eu começar a falar da pesquisa. Como estávamos hospedadas no mesmo local, não foi difícil aceitar a proposta dela de ler minha pesquisa.

No dia seguinte, logo depois do café, ela pediu o volume para ler e começou a fazê-lo imediatamente, e eu fiquei ao lado, esperando o que pudesse vir. Passadas duas horas do início da leitura ela permanecia ali, quase não me olhava ou falava comigo, e eu, bem apreensiva e curiosa com o momento, esperava. Enfim, ela terminou. Saímos dali e por horas falamos de Linhares, da sala de aula, das crianças e ela me disse que iria

[16] Laura Cyrineu Munhoz e SilvaGraduada em Fonoaudiologia (UNESP) e Pedagogia (UFSCar). Mestre em Educação (UNESP) e Especialista em Voz (CFFa). Além do trabalho clínico e educacional, desenvolveu Oficinas Terapêuticas em Ambulatório de Saúde Mental para crianças e adolescentes. Autora do livro e CD Cantando e aprendendo a mastigar, a ouvir, a respirar e a falar (Lovise, 2002). Atualmente, atua na área de Gestão de Pessoas, no gerenciamento e desenvolvimento de capacitações.

escrever sobre o que sentiu com a leitura, enquanto isso seguimos conversando sobre nossos movimentos de vida. Dias mais tarde recebi esse relato.

Meu encontro com Linhares aconteceu inesperadamente, no fim das férias, quando já me cobrava as leituras que pretendia realizar. Mesmo assim, estava feliz por terem sido dias de muitos reencontros. Não imaginava que finalizaria meus dias de descanso com a leitura de uma dissertação; Quando você comentou sobre seu trabalho, logo me chamou a atenção o tema "oficina", por ter trabalhado com essa proposta anos atrás, ainda que com muitas características distintas. Entretanto, ao ler as primeiras linhas, tive uma sensação de estranhamento pelo formato acadêmico diferente do que conhecia e aprendera. Antes de pensar em opinar sobre a estrutura do texto, logo me debrucei num trabalho cujo delinear subjetivo me afetou. Ao buscar onde estava o objetivo e seu desenvolvimento durante o trabalho, percebi que esse novo formato, em primeira pessoa, descrevendo sentimentos e questionamentos, mostrou o quanto a apresentação e o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa podem ser profundos sem descaracterizar a "cientificidade". Além das citações teóricas do trabalho que significam seu processo, a descrição do acontecer das oficinas foi emocionante, pois trouxe uma profunda reflexão sobre o fazer pedagógico num contexto de respeito, afeto e compreensão. A relação professor-aluno descrita move a importância de se colocar no lugar do outro, de escuta, de troca, de empatia.
Linhares, para mim, significa o resultado do educador que se permite descobrir, com respeito e compreensão, para onde a vida pulsa - sua vida e dos seus aprendizes, acolhendo as histórias, as vozes, os contextos, as angústias e possibilitando o alinhamento criativo, catártico e significativo das possibilidades de encontros e aprendizagem. Não há aprendizagem sem encontros significativos.
A pipa que voou, a pipa que voltou, a pipa que quebrou, só mostram que não há fim no processo de aprendizagem e que possibilidades sempre existirão, se "Linhares" permanecer.

Ao chegar ao fim da leitura, fico pensando nas afetações de Linhares. Criada em uma sala de aula, em um encontro feito de outro jeito, fora da imobilização, e que dava voz e vez aos adolescentes. Linhares seguiu por toda esta pesquisa, vulneravelmente corajosa, afetando quem dela se aproxima e por onde passa.

Do outro lado do espelho

No período do mestrado, caminhei com vários autores que foram contribuindo com a parte teórica do meu trabalho; neles, eu buscava pistas para tentar entender o que eu estava vivendo na prática. Gilles Deleuze, Félix Guattari,Sueli Rolnik, Ana Godoy,

Guilherme Corrêa e Ana Preve foram me fazendo pensar sobre as oficinas, os encontros que vivia naqueles momentos.

Um dia, em uma conversa com a Ana Godoy, estávamos repassando um trecho do texto, e ela me falou sobre algo que nos afeta nos encontros durante as oficinas, e me sugeriu a leitura do livro *Circuito dos Afetos*, de Vladimir Saflate. Na hora fiquei muito envolvida com o tema, pois desde quando comecei a pensar a pesquisa me vinha na cabeça algo que eu não sabia dizer, ou melhor, acho que eu sentia, mas não sabia o que era e por isso falava de sentimentos, mas não era isso. A Ana parecia me trazer algo que estava ali e eu não via, os afetos.

A curiosidade para iniciar a leitura era muito grande e fui na mesma hora em busca do livro, que levou alguns dias para chegar. Livro aberto, muitas páginas para percorrer e entender de que afetos o autor estava falando e descobrir se eles tinham algo a ver com a minha pesquisa, com minhas oficinas. Segui lendo. Já nas primeiras páginas, começo a parar e a me demorar na leitura, tentando construir uma ponte entre o que ele diz e o que estou pesquisando, e parecia tudo tão próximo.

No livro, Safatle fala sobre o estar desamparado, e lendo, me parece que ele fala da vulnerabilidade corajosa a que Rosa Slegers se refere, pois ele vê uma potência nesse desamparo quando coloca que “Estar desamparado é deixar-se abrir a um afeto que me despossui dos predicados que me identificam” (SAFATLE, 2016, p. 21), e assim entendo que, como na vulnerabilidade corajosa, aquele que está desamparado se abre a um novo afeto, e ao mesmo tempo se vê despossuído. Seria, então, de certa forma, o desamparo uma circunstância para o desenvolvimento. É preciso ainda, como coloca Safatle (2016), se desprender dos afetos para que possamos assim criar novas formas sociais, nos desampararmos para criar outras possibilidades de afetação.

A leitura continua de forma fluida e vai se juntando com conceitos que eu já tinha buscado durante a pesquisa. Leio como quem busca algo, mas ainda não tem certeza, ainda assim leio sem parar, tentando entender o que acontecia nas oficinas, buscando compreender o que acontecia em nossos encontros, o que nos afetava enquanto estávamos juntos. De fato o que acontecia era algo diferente, outra coisa, e Safatle traz algo que para mim é um caminho a seguir, quando diz: “talvez houvesse a circulação daquilo que nossos olhos não podem ser indiferentes porque nos afeta, seja através das formas da atração, seja através da repulsa.” (SAFATLE, 2016, p. 74). Fico

horas pensando nessa frase e relendo-a, e percebo que, sim, fomos afetados. Nossos olhos não foram indiferentes ao que acontecia nas oficinas e em nós, porque tudo aquilo, em meio ao que fazíamos, nos afetava; se éramos ali um grupo de vulneráveis, desamparados socialmente, nos livramos dos predicados que nos constituíam e seguimos nos permitindo afetar. A pesquisa ia ficando mais clara na minha cabeça e compreendia o que havia se passado porque começava a compreender que a vulnerabilidade é uma condição para a transformação, pois se ficarmos presos aos mesmos afetos não somos capazes de criar outras formas de viver.

As oficinas foram possibilitando que eles acreditassem em algo diferente do que estava dito, escrito, do que as políticas públicas dizem quando usam a palavra vulnerável. Eles foram criando seu espaço em Linhares e mostrando que podiam mais do que apenas se preparar para o mundo do trabalho. Foram se tornando independentes, capazes de realizar coisas diferentes. O que era feito, era decidido em grupo, e tudo vinha com muita propriedade e autonomia. O grupo sabia o que desejava e queria produzir. De alguma forma, é no desamparo – que, como diz Safatle (2016), é quando ninguém olha por mim – que permito que se manifeste o desejo, e o desejo sim é algo que me move e isso é responsabilidade minha. Nas oficinas, o desejo movimenta as coisas; eles queriam colocar suas ideias e discutir como tudo podia ser feito. Não era um fazer para o outro me amparar, para gostar de mim, para me dar um lugar, mas era um fazer que passava da demanda para o desejo, onde podiam fazer, mover, descobrindo os afetos que nos dominam e que desejamos. E se estamos sempre nos domínios de nossos afetos, como nos diz Safatle (2016), é preciso descobrir quais me movem e quais me limitam. Parece que, em Linhares, conseguimos descobrir os afetos que nos movem. E isso não quer dizer que o mesmo processo de oficina irá descobrir os mesmos afetos e a mesa autonomia, pois em cada oficina, com cada grupo, serão outras formas de nos afetar, nos movermos e paralisarmos, e assim os acontecimentos vão produzindo novos sujeitos. Um desenho que vai orientando para a ação onde a vulnerabilidade foi o ponto de partida. O espaço criado foi apropriado para que os afetos passassem, e quem sabe possamos falar agora que isso está dando a condição do diálogo que se instaurou nas oficinas. Nelas apenas abri espaço para que os afetos tivessem passagem.

Criamos Linhares aos poucos, com muita conversa, sem palavras de ordem, com troca, um lugar onde os afetos puderam passar. Sabíamos o que precisava ser feito, mas

criávamos a forma de fazer e os desejos foram ganhando força, e depois de tudo isso, seguimos, e cada um levou um pouco de Linhares consigo. Já somos outros, eu mudei, eles mudaram. O que desejo hoje, ao final dessa pesquisa, é que outras Linhares possam surgir em outras oficinas, que os afetos continuem passando e permitindo que algo aconteça. E aqui queria me despedir, não de Linhares, mas da pesquisa que se esgota e que continuará de outra forma, porque se tem algo que Linhares me mostrou, é que não há limites para o querer e que uma pesquisa não acaba.

Pode chamar de 'absurdo' se quiser, mas já ouvi absurdos que fariam este parecer tão sensato quanto um dicionário.

(Lewis Carroll)

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Pista 7: Cartografia é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BRANCO, Sandra**. A cidade dos carregadores de pedra.** São Paulo: Cortez, 2010.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

CENTRO DE REFERÊNCIA A ASSISTÊNCIA SOCIAL – CRAS em Gaspar – SC: Casa da família. Disponível em: <https://cras.site/cras-em-gaspar-sc-casa-da-familia/>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CLEMENTE, Guilhermo. **Lápida del bosque**. México: Fondo Editorial Tierra Adentro, 2011.

CORRÊA, Guilherme. **Educação, comunicação, anarquia**. Procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon:** lógica da sensação. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **O pensamento nômade**. In: MARTON, Scarlett (org.). Nietzsche Hoje? Colóquio de Cerisy. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas –** como levar o mundo às costas?. 2012. Disponível em: <http://www.artecapital.net/perspetiva-119-atlas-como-levar-o-mundo-%C3%A0s-costas--apresentacao-por-georges-didi-huberman>. Acesso em: 2 jul. 2018.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010.

JAEFFE, Noemi**. Livro dos começos.** São Paulo: Cosac Naify, 2016.

JUARROZ, Roberto. **Poesia vertical –** antologia esencial. Sel. Sandra Santana Mora e Beatriz San Vicente.Buenos Aires: Emece, 2001. (edição digital distribuida gratuitamente, disponível em: <http://elciruja.unlugar.com>)

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina B. Pista 4: Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MARTINEZ, Rosa. Cada um de nós é uma tribo. In: LAGNADO, Lisette; PEDROSA, Adriano. **27º Bienal de São Paulo:** como viver juntos. São Paulo: Fundação Bienal, 2006. p.163-168.

MELVILLE, Hermann. Bartleby, o escriturário. Grua Livros, 2014.

LE CLÉZIO, Jean-Marie. **Índio Branco**. Lisboa: Fenda, 2008.

LUCADO, Max**. Você é especial.** São Paulo: Hagnos, 2004**.**

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MENDONÇA, Cinthia. A vulnerabilidade do corpo no mundo. **ClimaCom cultura científica – pesquisa, jornalismo e arte**, Campinas, ano 3, n. 5, p. 63-74, abril de 2016.

OHNO, Kazuo. **Treino (e)m poema.** São Paulo: n-1, 2016.

PREVE, Ana Hoepers. **Mapas, prisão e fugas:** cartografias intensivas em educação. 267p. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

ROBATO, Sonia. **A viagem de retalhos**. Curitiba, PR: Positivo, 2012.

RIBEIRO, Danilo Stank. **Da oficina, do ofício, do oficineiro.** 185p. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

RONILK, Sueli. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2016.

SLEGERS, Rosa. Vulnerabilidade corajosa. **ClimaCom cultura científica – pesquisa, jornalismo e arte**, Campinas, ano 3, n. 5, p. 131-137, abril de 2016.

TABIT, Luiz. **O meio**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5oThQQkXJjs>. Acesso em: 2 jul. 2018.

WAY – em busca do caminho (The). Direção: Emili Estevez. Produção: David Alexanian. 2012. 1 DVD (123 minutos).